

Ciclo de Palestras do Núcleo de Estudos Estratégicos

Ataque ao World Trade Center dez anos depois:
retrospecto, atualidade e prospectos

“Configuração geopolítica mundial no Pós-Guerra Fria: continuidades e descontinuidades”

Prof. Titular Wanderley Messias da Costa
wander@usp.br

Niterói, 2011

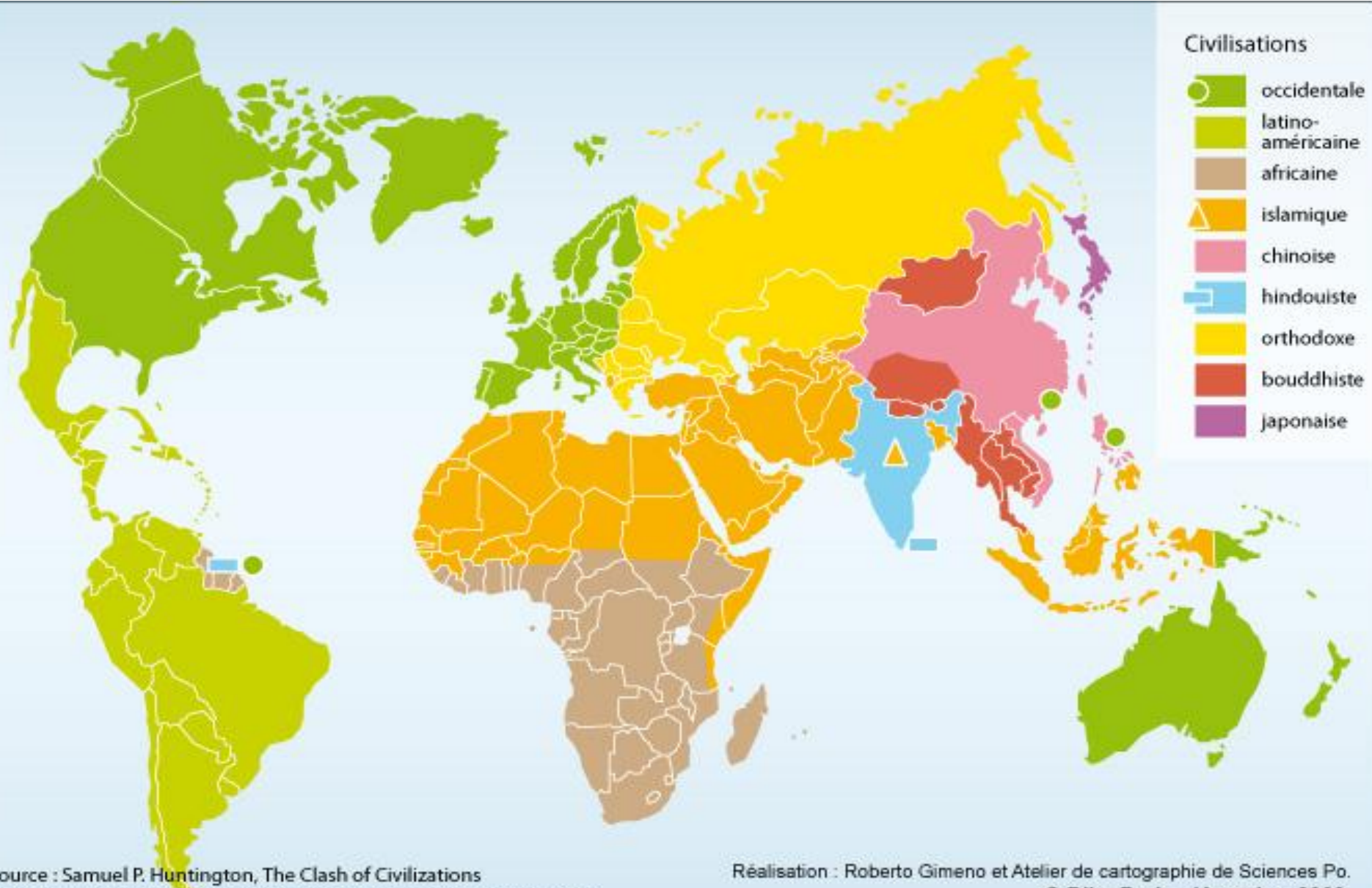
Guerra Fria: configuração geopolítica e diferenciação regional

- À parte ou nas fímbrias das órbitas de influência das duas superpotências uma identidade *terceiromundista* fortaleceu-se mundialmente e a original estratégia política desse grupo de países culminou com a realização da importante Conferência Afro-Asiática de Bandung, em 1955, na qual foram lançadas as raízes do que viria se constituir no movimento dos países *não-alinhados* (fundado em 1962) e na criação do chamado *Grupo dos 77* na política internacional.
- Ao mesmo tempo, emergiu e se consolidou um grupo de Potências Médias que liderariam nas décadas seguintes os diversos processos de integração regional em todo o mundo: Brasil, México, Índia, África do Sul, Turquia e Indonésia.

O pós-Guerra Fria: otimismo e realismo - I

- Francis Fukuyama: O triunfo do liberalismo e “o fim da história”. A euforia dos construtivistas na TRI.
- Samuel Huntington (“*choque de civilizações*”): o papel dos EUA como a única Grande Potência no novo equilíbrio de forças que se desenhava, razão pela qual preferiu caracterizar a nova ordem internacional como *unimultipolar*
- Ao contrário da maioria dos seus colegas e compatriotas, Huntington não compartilhava da euforia dominante, chegando mesmo a ironizar as convicções de Fukuyama a respeito, pois estava convicto de que a vitória do liberalismo e o propalado clima de harmonia do início dos anos noventa não passavam de ilusões.
- Para ele, em contraposição às expectativas de paz duradoura desses anos, as incertezas e os perigos representados pelas tendências de desintegração e re-agregação, os conflitos locais e nacionais de natureza étnica e religiosa (radicalismo islâmico), a violência e as práticas de genocídio, tudo isso agravado pela demonstrada incapacidade da ONU e da única superpotência de assegurarem a ordem nas diversas regiões do mundo, são todos acontecimentos que rapidamente compuseram um cenário que apenas confirmava as suas sombrias previsões de apenas três anos atrás.

Le choc des civilisations selon Samuel Huntington



Civilisations

- occidentale
- latino-américaine
- africaine
- islamique
- chinoise
- hindouiste
- orthodoxe
- bouddhiste
- japonaise

Source : Samuel P. Huntington, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, Simon & Schuster, New York, 1996.

Réalisation : Roberto Gimeno et Atelier de cartographie de Sciences Po.
© Dila, Paris, décembre 2009.

Fortalecimento da perspectiva construtivista/multilateralista - I

- De uma perspectiva puramente legal, os estados mantêm, ainda, o direito soberano de não estarem obrigados por qualquer acordo internacional apoiado pela maioria ou até mesmo por todos os outros estados. No entanto, na prática, eles se encontram cada vez mais *emaranhados* em uma rede de interdependência e de arranjos regulatórios ou de colaboração, da qual geralmente não se podem livrar. **Rosenau: “governança sem governo”.**
- Esse quadro confirma o julgamento de Harold Jacobsen de que ‘a analogia apropriada para descrever o sistema político global contemporâneo é a de estados presos em redes de organizações internacionais’....
- E igualmente não é mais válido descrever o sistema internacional em termos de bolas de bilhar colidindo umas com as outras, a não ser que se imaginem essas bolas ligadas por cordões de resina, limitando o seu movimento em qualquer direção. Na verdade, o sistema internacional, como o processo de transformação histórica, pode ser descrito como *viscoso*.”

Fortalecimento da perspectiva construtivista/multilateralista - II

- O “triunfo” da ONU: entre 1946 e 2003 foram firmados pelos estados mais de 50.000 Tratados Internacionais, sendo que 32 deles constituem *grandes acordos multilaterais*, celebrados, em sua maioria, na última década e meia e abrangendo as áreas dos direitos humanos, desarmamento, meio ambiente, saúde humana, refugiados políticos, legislação marítima, direito penal, corrupção, crime organizado e terrorismo. Como se pode ver, tratam-se de tratados que refletem claramente os temas típicos dessa nova ordem global.
- Em síntese, para os adeptos dessa visão sobre a ordem internacional a partir das suas tendências de globalização, tanto pela sua evolução ao longo das últimas décadas, quanto pelo conjunto de mudanças em curso naquela conjuntura, estavam dadas as premissas e as condições políticas e institucionais básicas para a construção de uma nova concertação na qual pudesse edificar-se um sistema de *governança global* (Rosenau) que fosse capaz de assegurar níveis mais elevados de gestão dessa ordem, *vis-a-vis* aqueles referenciados exclusivamente ao antigo sistema de estados, fossem eles bipolares ou multipolares.

EUA em 91-2001: uma potência imperial multilateralista?

Finalmente, esse exercício de cenário faz uma espécie de “profissão de fé” em um futuro político no qual predominariam os arranjos multilaterais e a cooperação internacional, como o enfoque e o sistema mais adequados para fazer frente aos riscos de toda ordem em um mundo em que as relações tenderiam a ser hegemonicamente transnacionais. Com isso, acreditam, seria desejável destacar cada vez mais a importância da face multilateral dos EUA.

Macrotendências na perspectiva da estratégia de segurança dos EUA

- O National Intelligence Council dos EUA elaborou o “Global Trends 2015”, que contou com a contribuição de diversos especialistas de universidades e institutos de pesquisa, e no qual estão desenvolvidas as hipóteses de política internacional a partir de um estudo de cenário envolvendo temas globais como demografia, meio ambiente, ciência e tecnologia, economia global, governança nacional e internacional, conflitos potenciais e o papel dos EUA em cada caso.
- Além de destacar a força da economia global no mundo e as novas exigências políticas por ela amplificadas, o estudo enfatiza a importância de que fosse desenhado um novo tipo de governança política do mundo, no qual a cooperação entre governos e as organizações privadas e não governamentais passaria a ter proeminência nessa nova ordem. Por outro lado, o estudo vislumbra uma forte tendência para o nascimento ou o recrudescimento de um sentimento nacionalista e *anti-americano* em muitos países, que é ali identificado como uma previsível reação à incomensurável hegemonia dos EUA na política mundial.
- “Global Trends 2015: a dialogue about the future with nongovernment experts”, National Foreign Intelligence Board, Washington, D.C., dezembro de 2000.

Persistência dos vetores de desagregação do sistema internacional - I

- Apesar desses avanços no campo da cooperação internacional e do otimismo de alguns segmentos do meio diplomático e acadêmico, entretanto, o período Pós-Guerra Fria, ou o dos anos noventa, está marcado por muitos conflitos de diversos tipos, intensidades e escalas.
- O mais importante deles foi a Guerra do Iraque, em 1991, envolvendo esse país e uma coalizão de estados liderados pelos EUA. Tendo invadido o Kuwait, o Iraque foi retaliado, derrotado e obrigado a retirar-se por essa força multinacional, que contou com a opinião pública internacional favorável e com a decisão do Conselho de Segurança da ONU.

Persistência de vetores de desagregação do sistema internacional - II

- Outro evento de destaque foi a sangrenta guerra da Iugoslávia, em 1998-1999, envolvendo as suas ex-repúblicas e o caleidoscópio de nações e nacionalidades que havia se organizado na federação sob o comando do Marechal Tito na Segunda Guerra.
- Ocorreram nos anos noventa 12 conflitos militares internacionais envolvendo países da Europa, do Oriente Médio, da África Ocidental, Sub-Saariana e Oriental, do Sul da Ásia e 15 casos de litígios fronteiriços.
- Além disso, registraram-se no período 23 guerras civis e 18 movimentos separatistas abrangendo países de todos os continentes, e a ONU manteve praticamente constantes durante essa década 20 Missões de Paz nas áreas mais críticas desses conflitos.

Antecedentes dos ataques de setembro 2001: conflitos e críticas dos ultra-conservadores - I

- Forças militares estacionadas no Oriente Médio e no norte da África foram alvos de ataques terroristas de impactos variados, tais como os do Líbano, do Sudão, da Somália e do Iêmen do Norte, culminando com o ataque e a tentativa de destruição do *World Trade Center*.
- Esses episódios de hostilidade externa somaram-se às repetidas manifestações de desaprovação interna à política exterior, capitaneadas pelos republicanos e os setores nacionalistas conservadores encastelados no Congresso, na sociedade civil e, especialmente, no Departamento de Estado e no Departamento de Defesa norte-americanos.

Antecedentes dos ataques de setembro 2001: conflitos e críticas dos ultra-conservadores - II

- Dentre outros, constituíam objeto de crítica o que os ultra-conservadores consideravam leniência do governo Clinton diante das ameaças e ataques ao país em diversas regiões do mundo e, além disso, o que julgavam ser um excessivo engajamento do país em questões tidas como alheias aos interesses e objetivos primordiais nacionais, tais como as missões de pacificação pelo mundo afora, o combate à fome e às doenças e o “custoso e desgastante” apoio sistemático às missões capitaneadas pela ONU.
- Destaque especial dessas críticas foi dado ao envolvimento das forças militares do país no âmbito da OTAN, no conflito dos Balcãs, um recorrente problema regional que consideram como da exclusiva competência dos europeus que, diante da iniciativa norte-americana, pouco fizeram para solucionar um impasse que se arrastava há mais de uma década.

Os antecedentes dos ataques de setembro 2001: conflitos e críticas dos ultra-conservadores - III

- Do ponto de vista da explicitação política na direção de um unilateralismo radical e de uma postura francamente imperial diante do mundo, ela começou a ser posta em prática apenas três dias após os eventos de 11 de setembro, em um discurso presidencial que elegia o combate ao terrorismo e a todos os países que de alguma forma o apoiavam como a prioridade estratégico-militar número um do país.
- Nesse discurso, os norte-americanos, pela primeira vez, separaram o mundo entre “estados amigos, aliados e inimigos” e, pretendendo contar com o apoio dos dois primeiros, se dispuseram a promover uma ampla e prolongada campanha de perseguição a todas as forças tidas como hostis ao país em toda e qualquer parte do mundo. As primeiras providências envolveram a reorganização das forças militares e civis de defesa interna e uma redefinição do papel e da logística das forças estacionadas em todo o mundo, um movimento que envolvia a expectativa do país de contar com o amplo apoio e a legitimidade internacionais para seguir adiante com tais objetivos.
- “Strengthen Alliances to Defeat Global Terrorism and Work to Prevent Attacks Against Us and Our Friends”, National Security Strategy, Washington, D.C. (The National Cathedral), setembro de 2001.

Setembro de 2001 e a nova estratégia de segurança dos EUA: o império contra-ataca - I

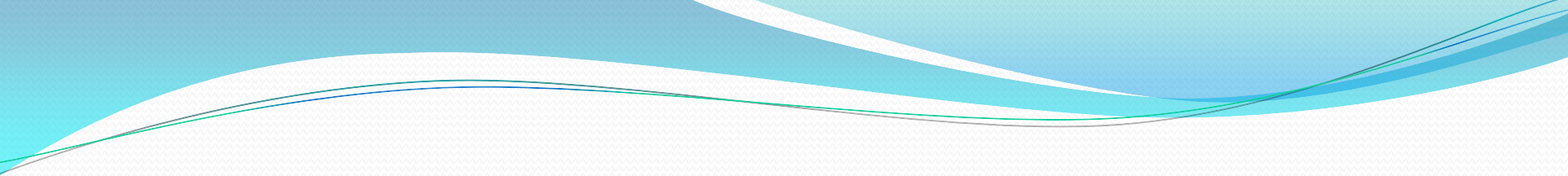
- Em setembro de 2002, isto é, um ano após os ataques, os EUA anunciam ao mundo a sua nova estratégia de segurança nacional e por ela são proclamados os objetivos, a concepção e os métodos de uma superpotência que resolvera assumir de vez o seu papel de proeminência econômica e militar no mundo e pelos quais se auto-delegava o direito e o poder de conduzir a seu exclusivo modo sua política externa.
- Essa nova estratégia punha fim também a qualquer dúvida quanto às características ideológicas e políticas do novo núcleo de poder no país, agora plenamente ocupado pelos hiper-realistas da política internacional, para os quais o que deve sempre prevalecer em qualquer hipótese, tempo ou lugar, são os interesses nacionais. Isso significa na prática, em se tratando de uma superpotência com projeção de alcance mundial, estender para todos os recantos da terra, em alguma medida, os tentáculos e os efeitos diretos e indiretos desse novo poder.

Setembro de 2001 e a nova estratégia de segurança dos EUA: o império contra-ataca - II

- A declarada opção pelo unilateralismo e a consciência de que o mundo tornara-se pela primeira vez unipolar, provocou uma previsível onda de preocupações nos meios intelectuais especializados em política externa, incluindo alguns dos próprios realistas.
- A ideia da existência de uma superpotência de natureza imperial que não pode ser contestada por outras potências e que é capaz de dominar uma ampla constelação de médios e pequenos estados tornou-se de fato assustadora, mesmo para realistas, nacionalistas e isolacionistas, pois sabiam dos riscos dessa posição política.

O ultra-conservadorismo na Teoria das Relações Internacionais

- Os “falcões de Bush” como Ikenberry, em sua coletânea de textos, qualificam a política de Clinton como basicamente dispersiva, pois focada demais em esforços contínuos de integração e de cooperação internacionais, destacando que agora, pela primeira vez desde o fim da Guerra Fria, o país experimentava uma “nova grande estratégia”, que lhe permitirá operar na ordem global não mais na posição de uma grande potência qualquer, mas no seu comando.



A Nova Ordem Mundial Pós-91

A ONU e o Equilíbrio do Poder

- Assembleia Geral: 192 países-membros
- Conselho de Segurança: 15 membros
 - ✓ Permanentes com direito de veto: 5 (EUA, Rússia, China, Reino Unido e França);
 - ✓ Proposta de Reforma do CS: 25 países-membros, sendo 11 permanentes

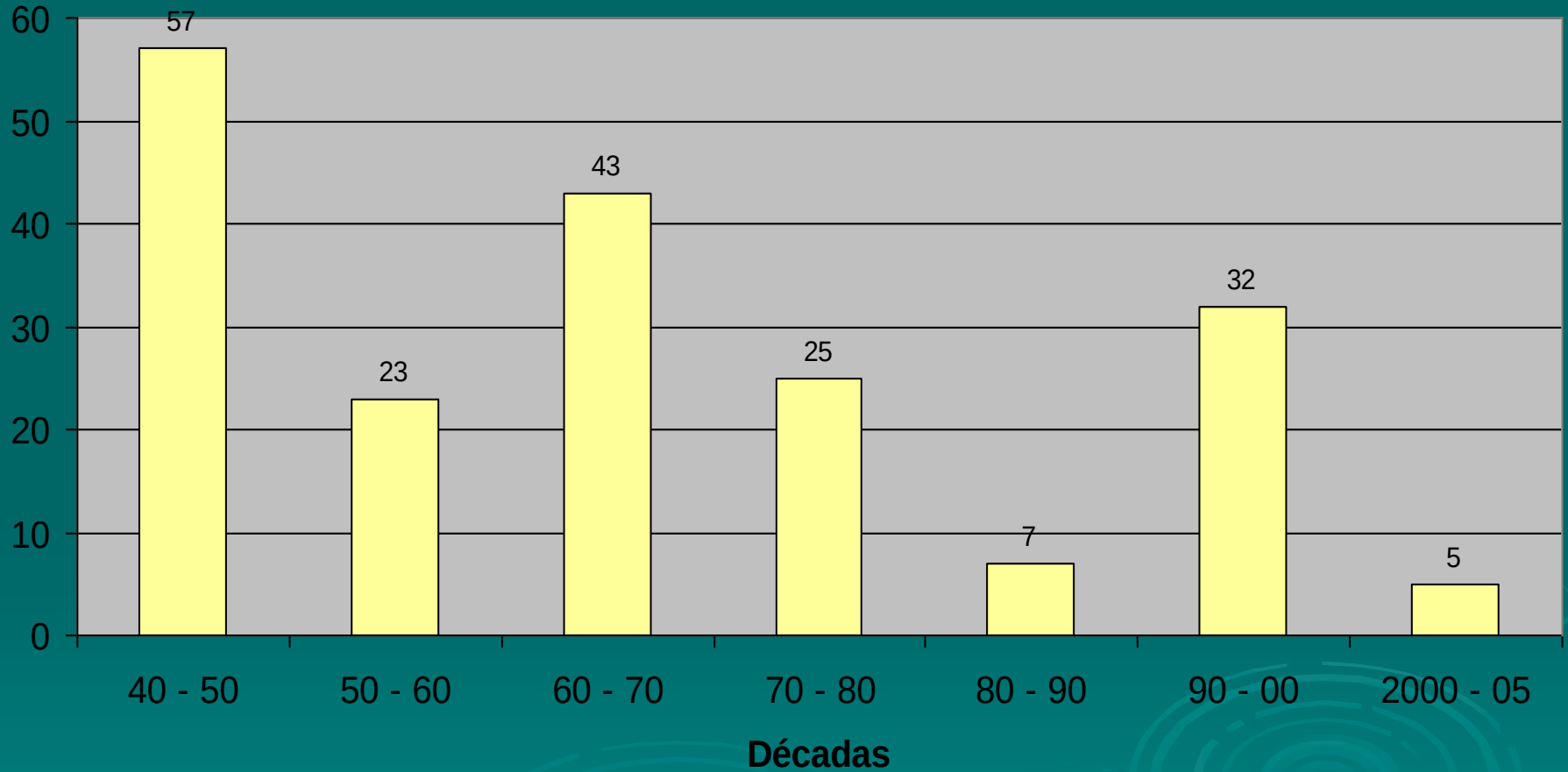
O Mundo em 1945 – segundo a ONU



- | | | | |
|--|---|---|--|
|  | Países fundadores da ONU |  | Outros territórios dependentes |
|  | Países filiados à ONU após a criação do órgão |  | Estados sob tratado especial com membro da ONU |
|  | Territórios que em 1949 estavam sob administração da ONU |  | Estados não-membros |
|  | Territórios administrados pelo mandato da Liga das Nações | | |

Fonte: Organização das Nações Unidas

Adesão à ONU (número de países)



Equilíbrio de Poder: as Grandes Potências

- Apesar da crise econômica interna e das dificuldades externas, os **EUA** mantém-se como a maior potência militar do planeta e é a única dentre elas que atua como “Império Mundial” de fato;
- A **Rússia** supera aos poucos a sua crise econômica, mantém-se como a segunda maior potência militar do mundo e decidiu recentemente alargar a sua projeção de influência e poder para além da Europa Oriental e Ásia Central (Pacífico, Índico e A. do Sul);
- A **China** é a mais nova grande potência militar do mundo e seu atual planejamento estratégico prevê ampliar a sua esfera de influência e poder na Ásia, África, Pacífico, Índico e A. do Sul.



Roberto GIMENO et Atelier de cartographie de Sciences Po, sept. 2006

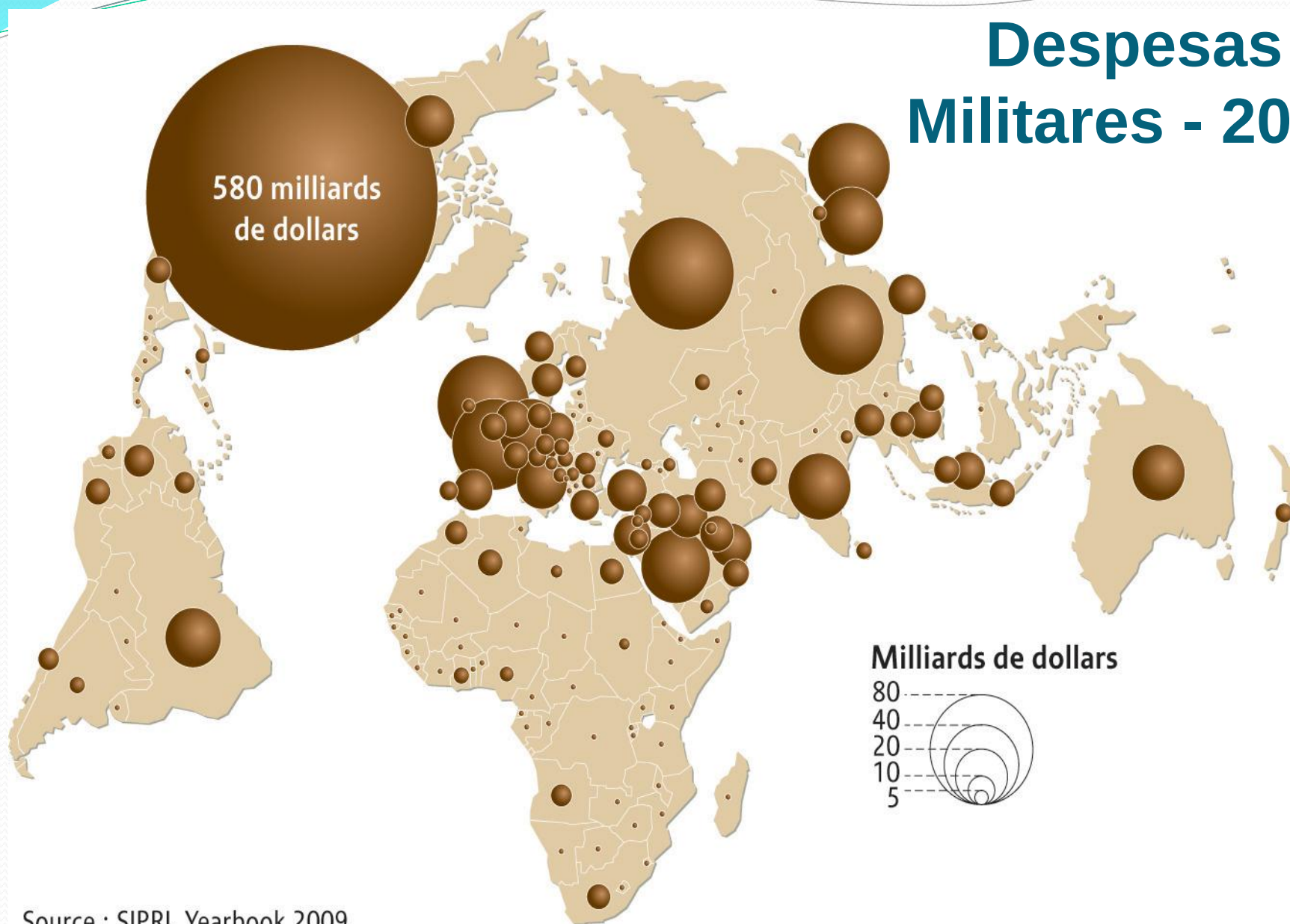
© La Documentation française

Source : compilation des auteurs.

Le G8 et le G20

Source : *Questions internationales* n°22, nov.-déc. 2006

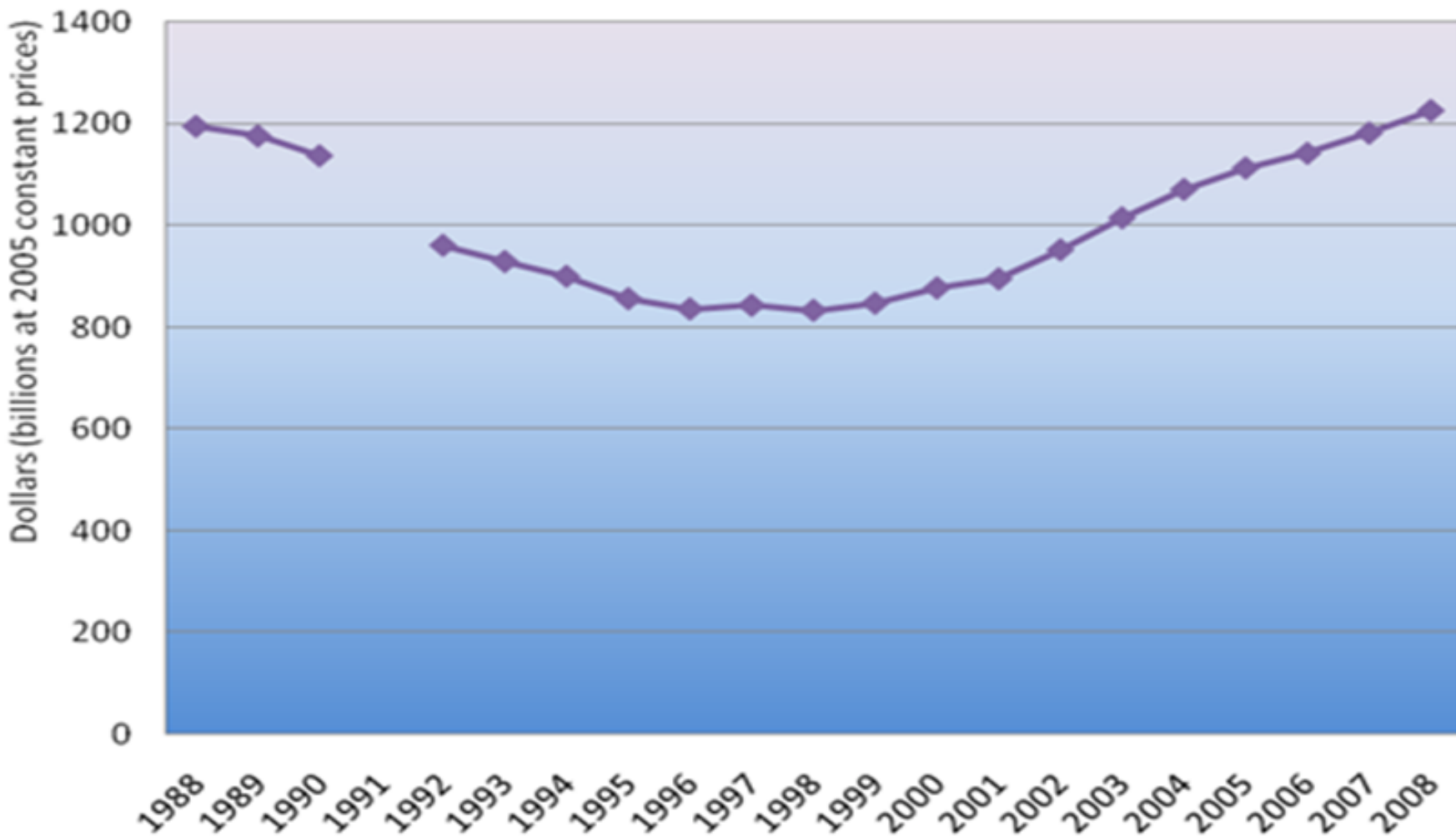
Despesas Militares - 2008



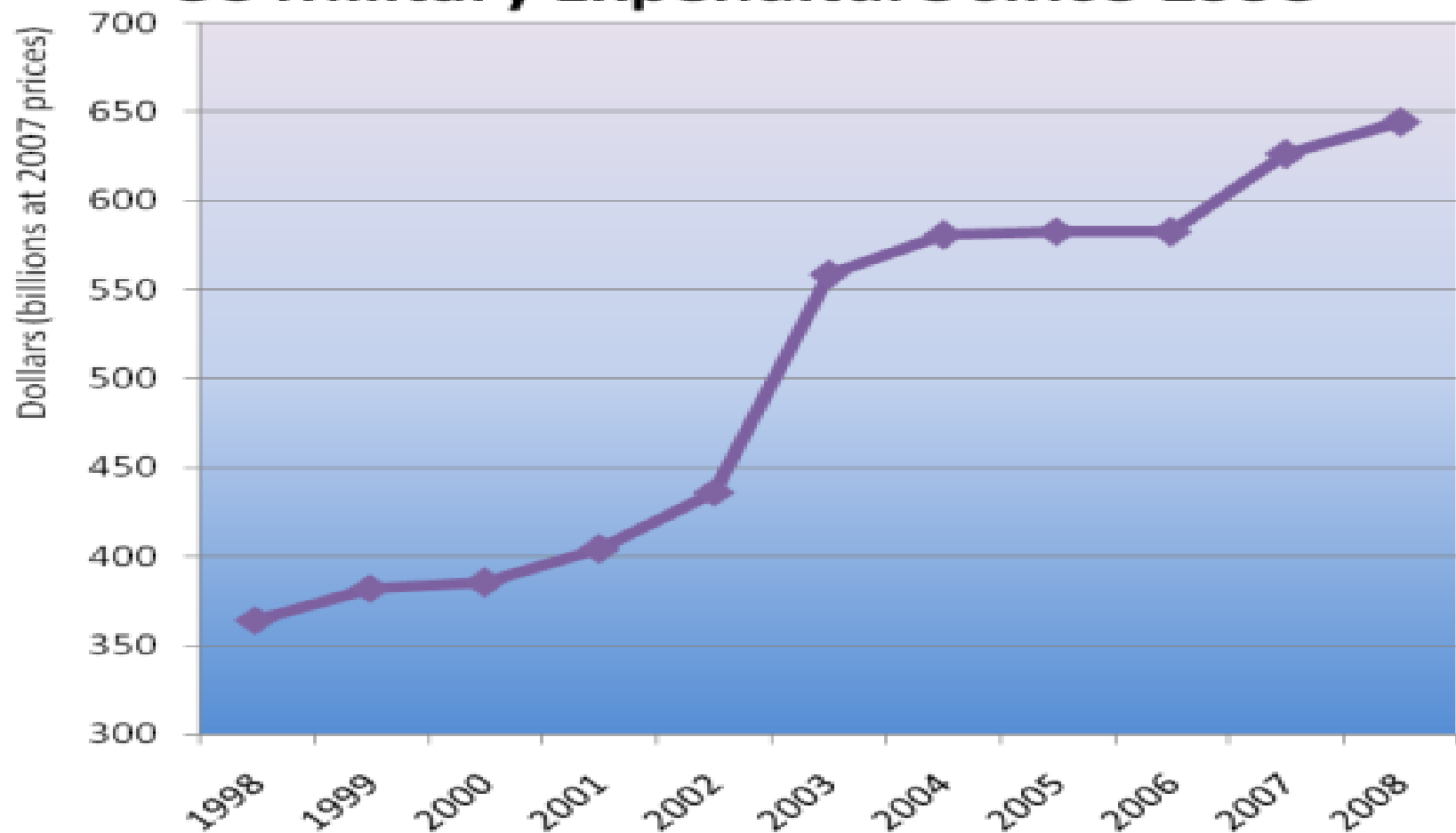
Source : SIPRI, Yearbook 2009.

Fonte:Le Monde, 2010

Gasto Militar Mundial, 1988 - 2008



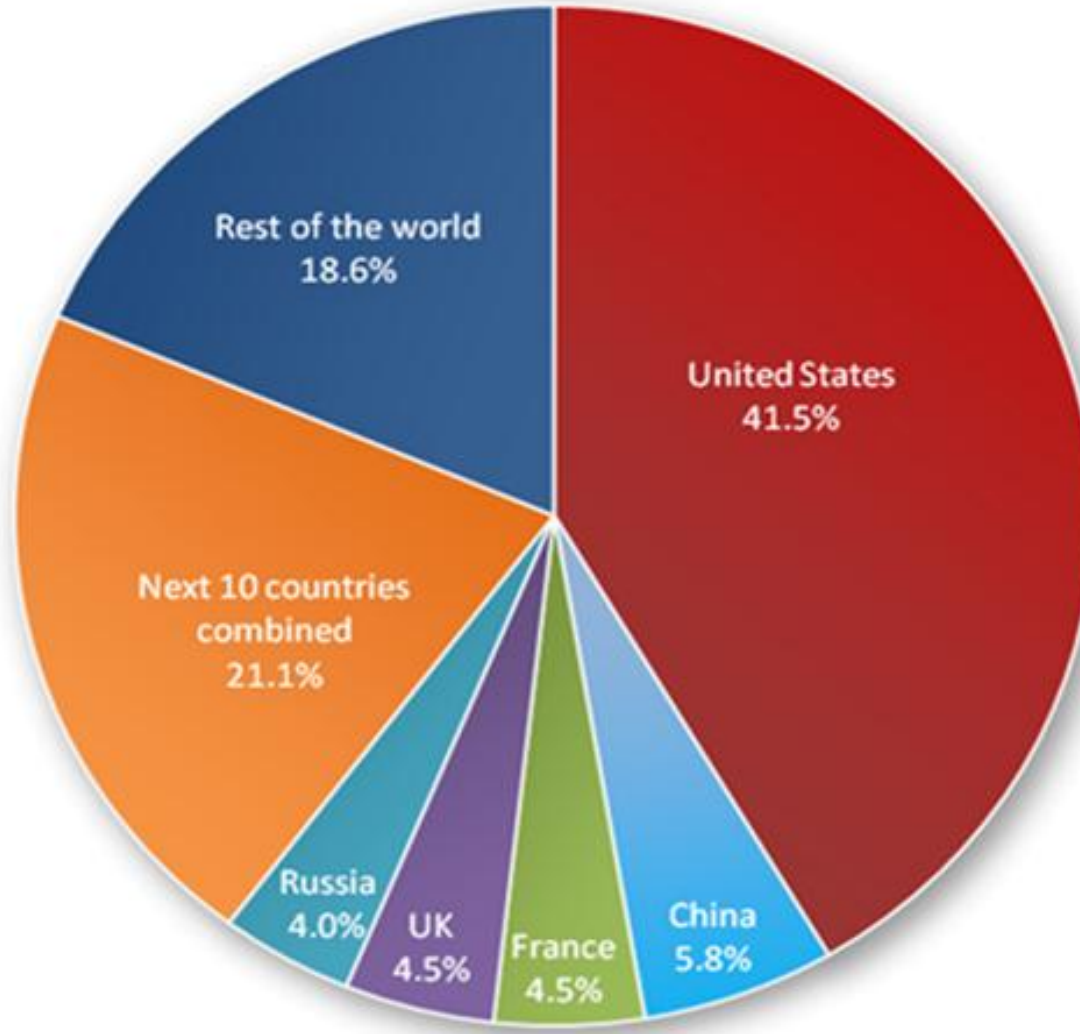
US Military Expenditure since 1998



Sources: Friends Committee on National Legislation, Center for Arms Control and Non-Proliferation, 2006, 2007.

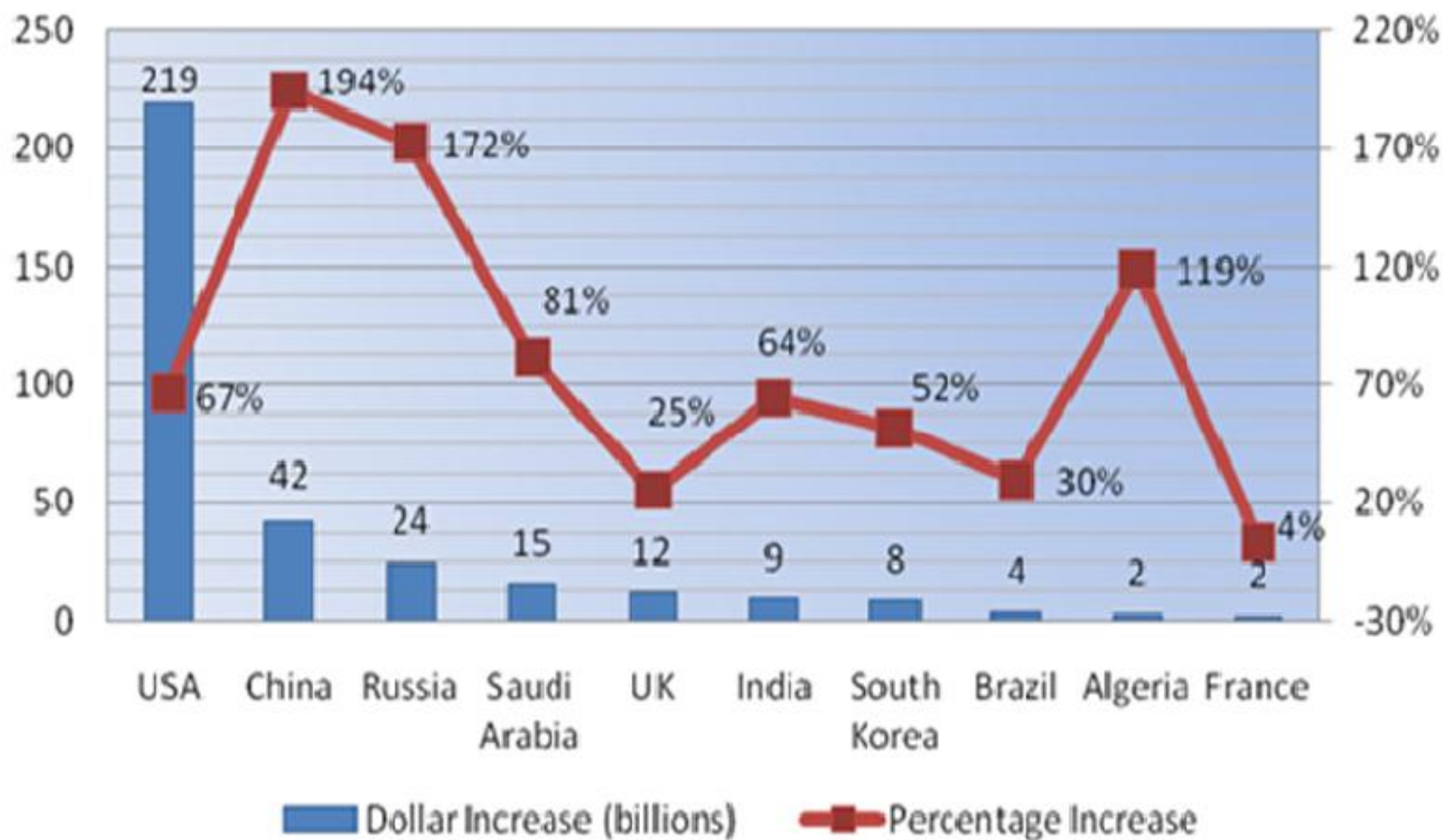
See important notes about data in accompanying table

Global Distribution of Military Expenditure in 2008



Source: Stockholm International Peace Research Institute Yearbook 2009

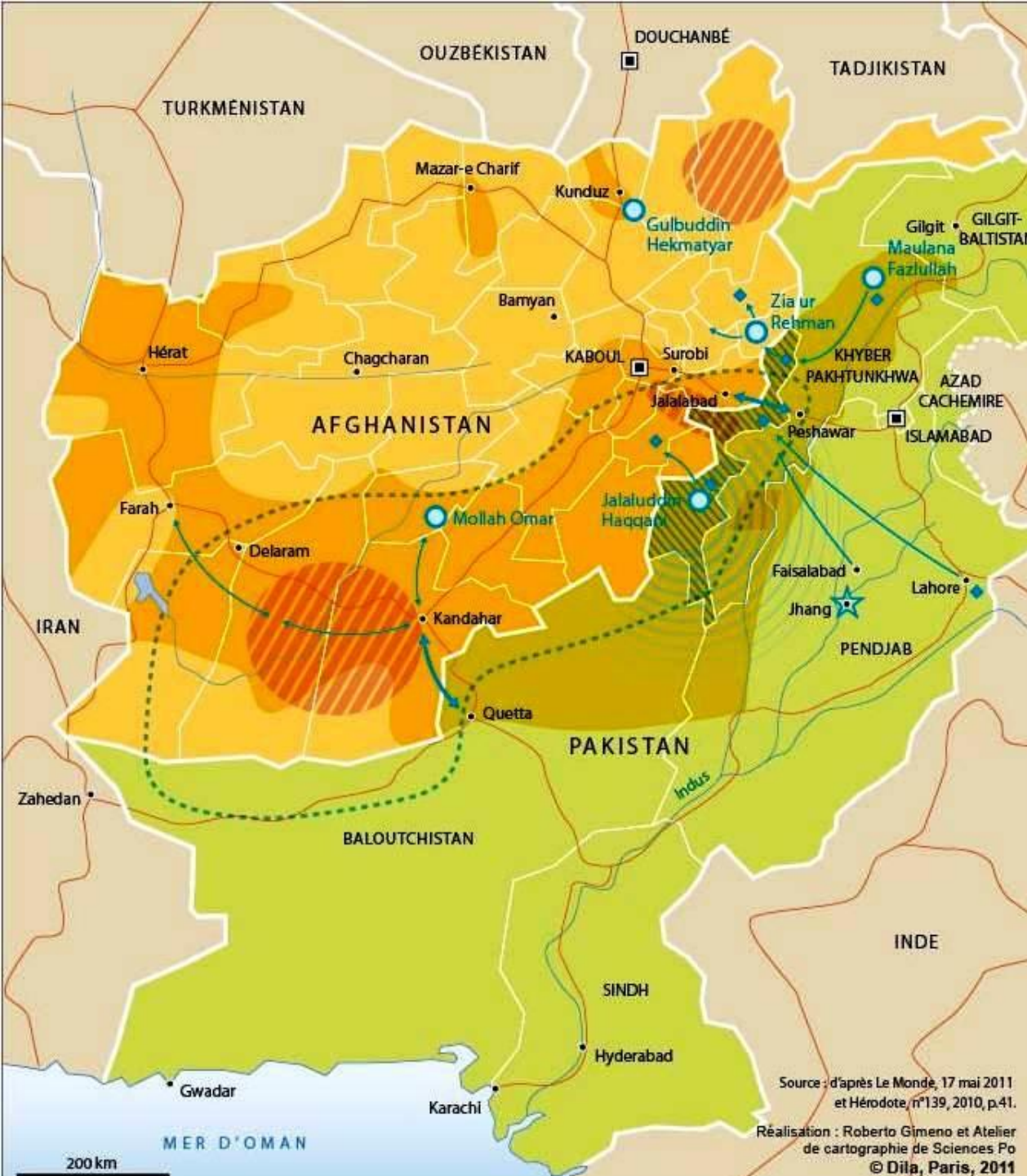
Military Expenditure Increase, 1999-2008, selected countries



Ásia Central: “o lado oculto da lua”

- O despertar da Ásia Central foi provocado pela guerra no Afeganistão e o estacionamento de tropas e de infra-estrutura militar dos EUA no Quirguistão e Uzbequistão, uma presença que só pôde ser efetivada, desde o início, contando com o decisivo apoio político e logístico da Rússia, a antiga potência regional e mundial que até recentemente ali estendera o seu domínio de forma absoluta.

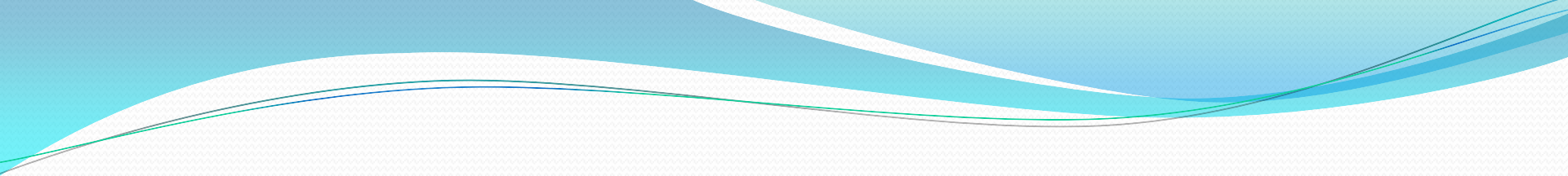
Afghanistan et Pakistan, des conflits emboîtés



- Zones pachtounes
- Zones à forte présence talibane
- Principales zones de production de l'opium
- Zones tribales
- Routes principales
- Principaux axes de commandement taliban
- Zone d'influence du Tehrik e Taliban Pakistan (TTP)
- Présence de groupes wahhabites
- Présence de groupes déobandis (Jhang)
- Fief d'un chef de guerre taliban

Source : d'après Le Monde, 17 mai 2011
et Hérodote, n°139, 2010, p.41.

Réalisation : Roberto Gimeno et Atelier
de cartographie de Sciences Po
© Dila, Paris, 2011



Iraque e Oriente-Médio: ampliação de um antigo palco de conflitos

OBAMA'S BIG GAME



 Pays sous embargo de la communauté internationale

 Pays bénéficiant d'une aide financière de la part des États-Unis

 Centres de commandement :

- 1- Koweït : commandement avancé des forces terrestres de USCENTCOM
- 2- Bahreïn : poste de commandement de la V^e flotte américaine
- 3- Qatar : quartier général et base CENTCOM des forces aériennes

 Bases permanentes américaines

 Bases françaises

 Zones de tension hautement stratégiques

 Actes fréquents de piraterie maritime

 Centrale nucléaire

 Autres installations nucléaires

ISRAËL Pays doté de l'arme nucléaire

 Gisements de pétrole

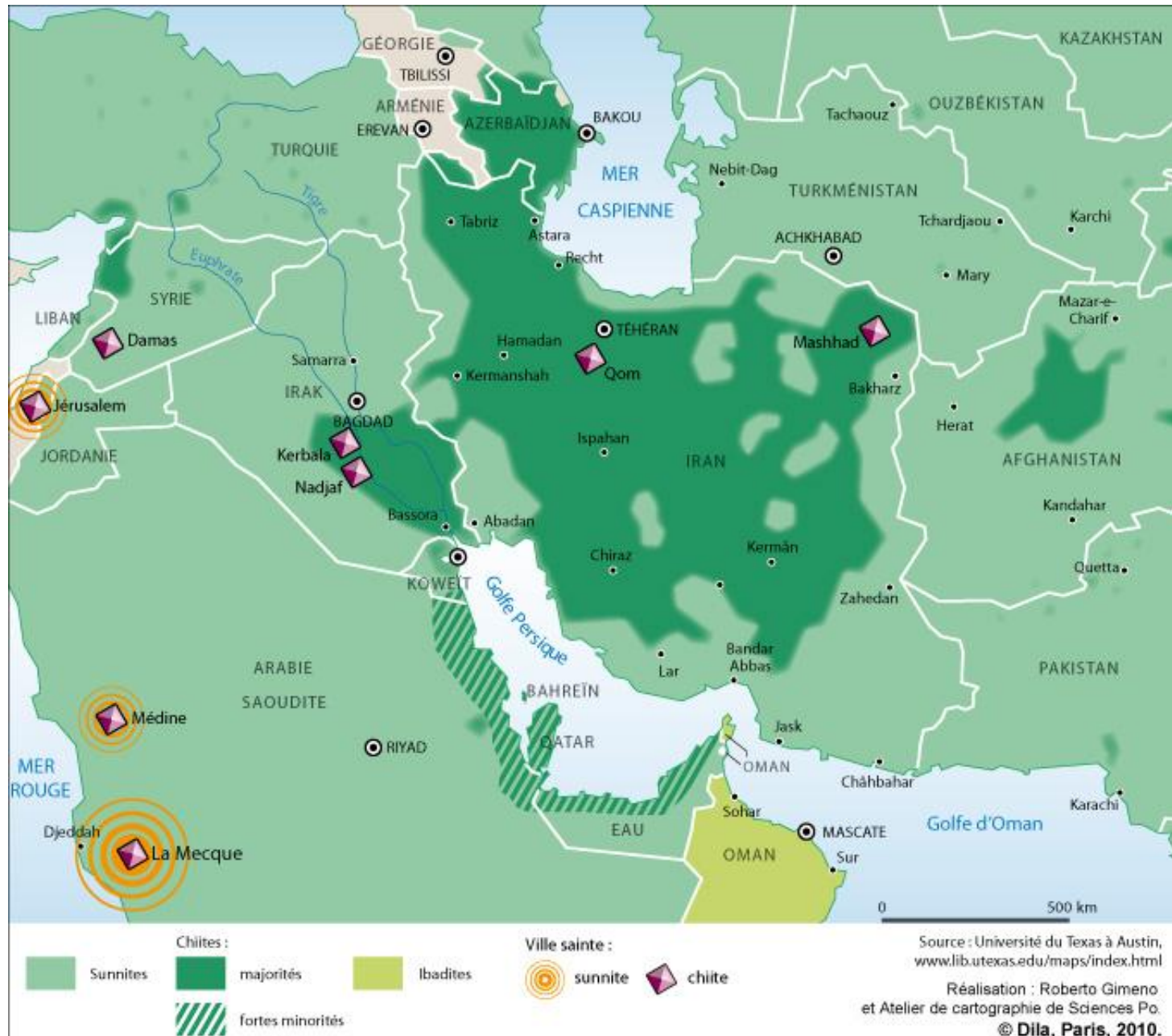
 Nombre de militaires engagés par les États-Unis et dans le cadre de coalitions internationales

Réalisation : Roberto Gimeno et Atelier de cartographie de Sciences Po.
© Dila, Paris, 2010.



Sources: www.centcom.mil/en/countries/coalition/; <http://www.whitehouse.gov/infocus/iraq/news/20030327-10.html>; World Energy Atlas 2004, The Petroleum Economist Ltd: <http://books.sipri.org/files/misc/SIPRI097.pdf>

Sunnites, Chites et lieux saints au Moyen-Orient en 2011



HOW ISRAEL CAN STRIKE IRAN

Israeli strike against Iranian nuclear sites

-  Possible air-strike routes
-  Strike with Jericho III Missiles



Arak

Heavy water plant; future reactors for plutonium production

Esfahan

Nuclear research center; uranium conversion plant

 Uranium processing plant

 Uranium mine

 Heavy water plant

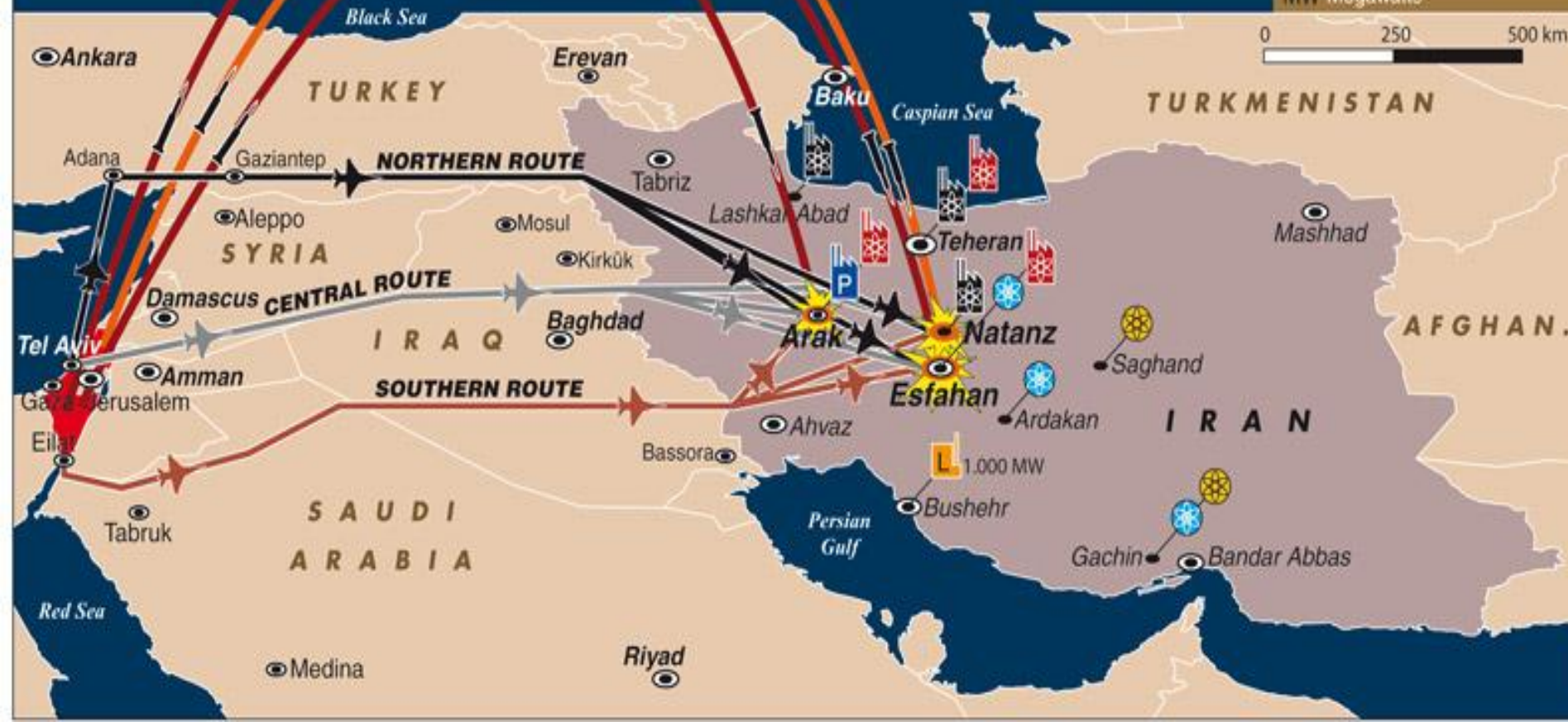
 Nuclear research plants

 Uranium enrichment plant

 Light water reactor (Under construction)

MW Megawatts

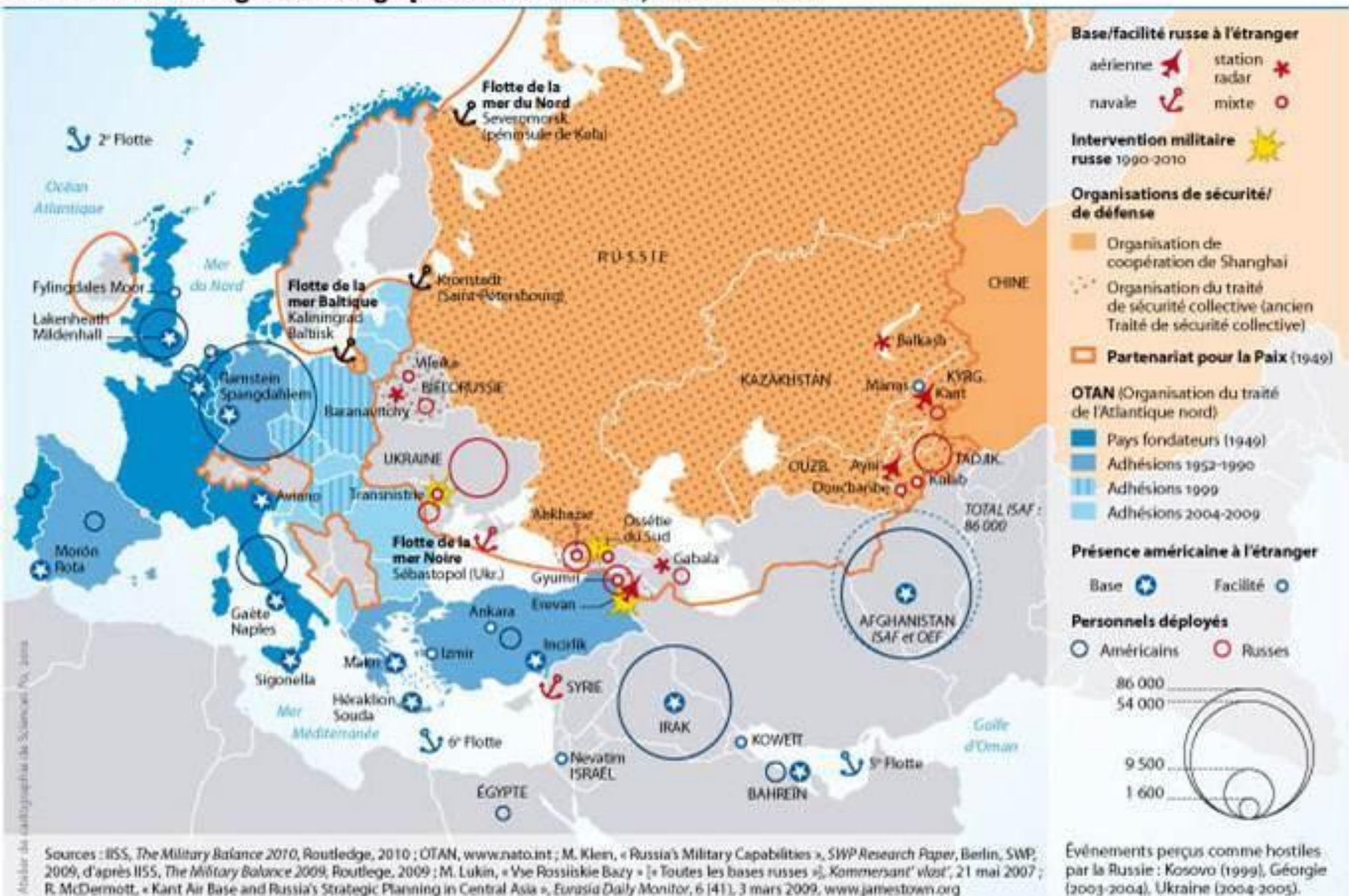
0 250 500 km



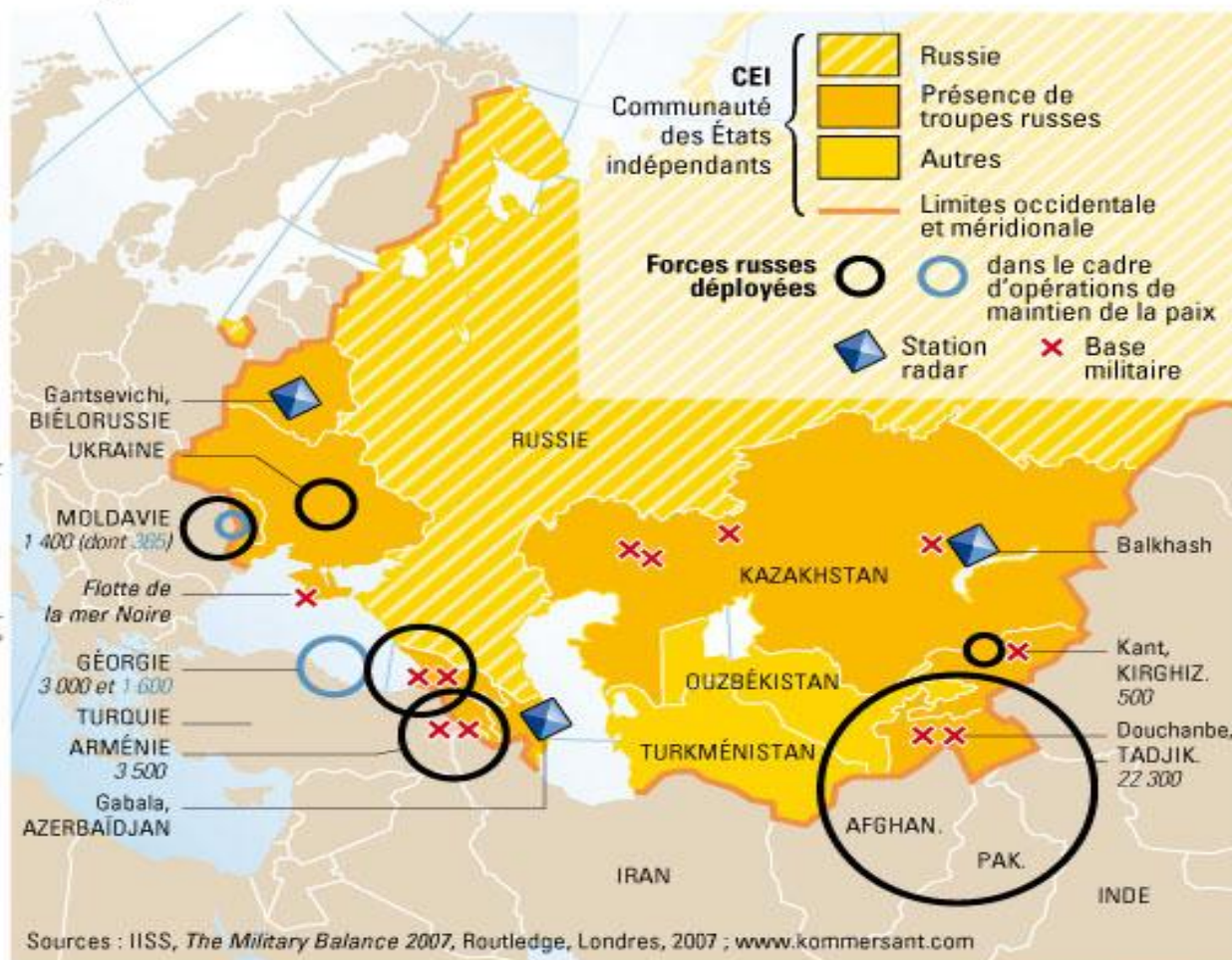
Rússia – a grande potência se movimenta

- Seu objetivo estratégico é tornar-se um pólo de poder entre a Europa e a Ásia. Possui as mais importantes reservas de petróleo e gás do mundo e é atualmente responsável pelo abastecimento da Europa (gás);
- Reivindica soberania sobre o oceano Ártico, onde controla e explora as rotas marítimas durante os meses de verão. Tem acordos de cooperação econômica e militar com todos os seus vizinhos, incluindo a China, a Índia e o Irã. Possui uma “cabeça-de-ponte” no Báltico: a base naval de Kaliningrado, na Ucrânia;
- Nos últimos anos, com o alargamento da OTAN e da União Europeia em direção ao Leste, o país tem privilegiado as relações com a Ásia e outras regiões do mundo, como a América do Sul. Com a China, criou a Organização de Cooperação de Xangai, que inclui como observadores Índia, Irã e Paquistão;
- Mantém-se irredutível em questões sensíveis que podem minar seu poder em suas esferas de influência: os separatismos de Chechênia e Abkhásia, a defesa da Ossétia do Sul (hostilizada pela Geórgia), a instalação de mísseis americanos na Polônia e na República Tcheca, a independência de Kosovo (é aliada da Sérvia) e a adesão da Ucrânia e da Geórgia à OTAM.

Environnement géostratégique de la Russie, 1990-2010



La présence militaire russe dans la CEI



In *Questions internationales*, n°27, La Documentation française, Paris, septembre-octobre 2007.
<http://www.ladocfrancaise.gouv.fr/revues/qi/sommaires>



SCIENCES PO

Atelier de cartographie
de Sciences Po, 2007,
www.sciences-po.fr/cartographie



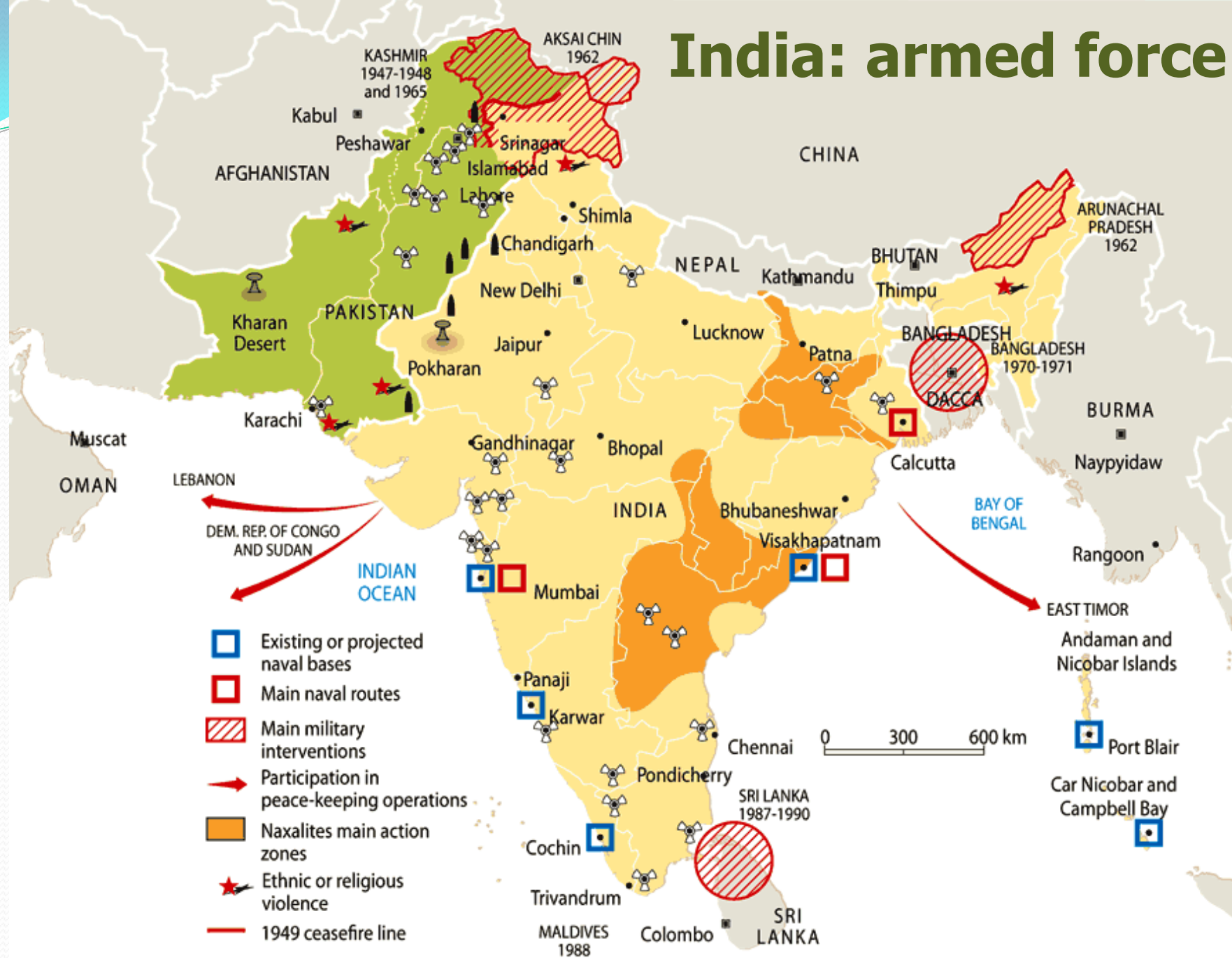
Seul l'usage pédagogique en classe ou centre de documentation est libre. Pour toute autre utilisation, contacter : carto@sciences-po.fr
 Pedagogical use only. For any other use dissemination or disclosure, either whole or partial, contact : carto@sciences-po.fr

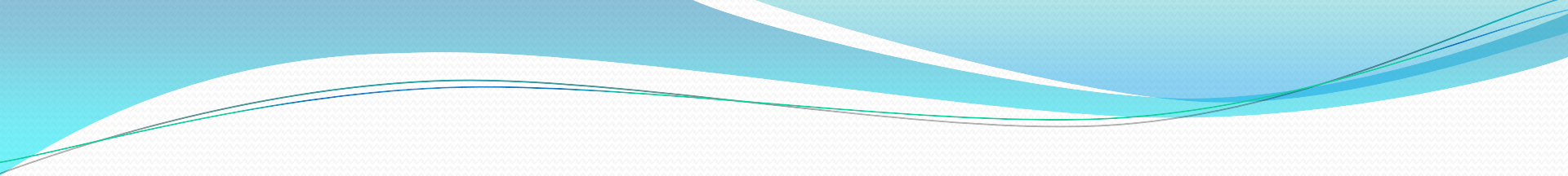
Presença Militar da Rússia na CEI - 2007

Índia – a potência da Ásia Meridional

- A maior concentração mundial de empresas de Tecnologia da Informação depois dos EUA;
- Possui 20 das 100 mais importantes empresas de todos os emergentes, nos ramos da siderurgia (Mittal) e dos serviços (Wipro);
- Suas políticas internacionais são hoje operadas no contexto regional asiático, no âmbito dos BRICS e no G-20;
- Potência militar e rival do Paquistão (os dois dispõem de armas nucleares). Exerce forte influência junto aos seus pequenos vizinhos na Ásia Meridional (Bangladesh, Sri Lanka, Nepal, Mianmar, Butão e Maldivas). Sob sua liderança, foi criada em 1985 a Associação do Sul da Ásia, para cooperação regional;

India: armed force





CHINA: a nova Grande Potência

China: ascensão da potência naval

- O seu principal objetivo estratégico-militar de curto prazo é o de equipar e expandir a **Marinha de Guerra**, a fim de consolidar a sua presença no **Pacífico** e no **Índico** e ampliá-la no futuro para escalas extra-regionais. Já é uma das oito potências navais do mundo;
- No **Pacífico** e, sobretudo, pela delimitação das respectivas ZEE – Zona Econômica Exclusiva, disputa com o Japão as Ilhas Senkaku; com Taiwan, Vietnã, Filipinas, Brunei e Malásia as ilhas Spratly e os arquipélagos de Pratas e Paracel. Reivindica soberania marítima nessas regiões sobre uma área total de 4 milhões de km²;
- A prioridade à **Marinha de Guerra** visa também confrontar regionalmente o enorme poderio militar norte-americano no **Pacífico** (bases no Japão, Coreia do Sul, Okinawa, Guam, Singapura, apoio logístico em Taiwan e área de atuação da VII Frota) e no **Índico** (base de Diego Garcia e área da VI Frota). Ao mesmo tempo, responde à expansão da marinha japonesa nos últimos anos;
- Essa estratégia militar regional envolve também a implantação de bases navais em países vizinhos aliados: Ilha de Coco na Birmânia, Chittagong em Bangladesh, Gwadar no Paquistão e Hambantota no Sri Lanka. Pequim denomina essa linha de defesa marítima de “Colar de Pérolas”;

THE CHINESE MARE NOSTRUM: TENSION AND CONFLICTS FOR ENERGY



SECURING THE OIL SUPPLY CHAIN



La Chine dans son environnement stratégique immédiat

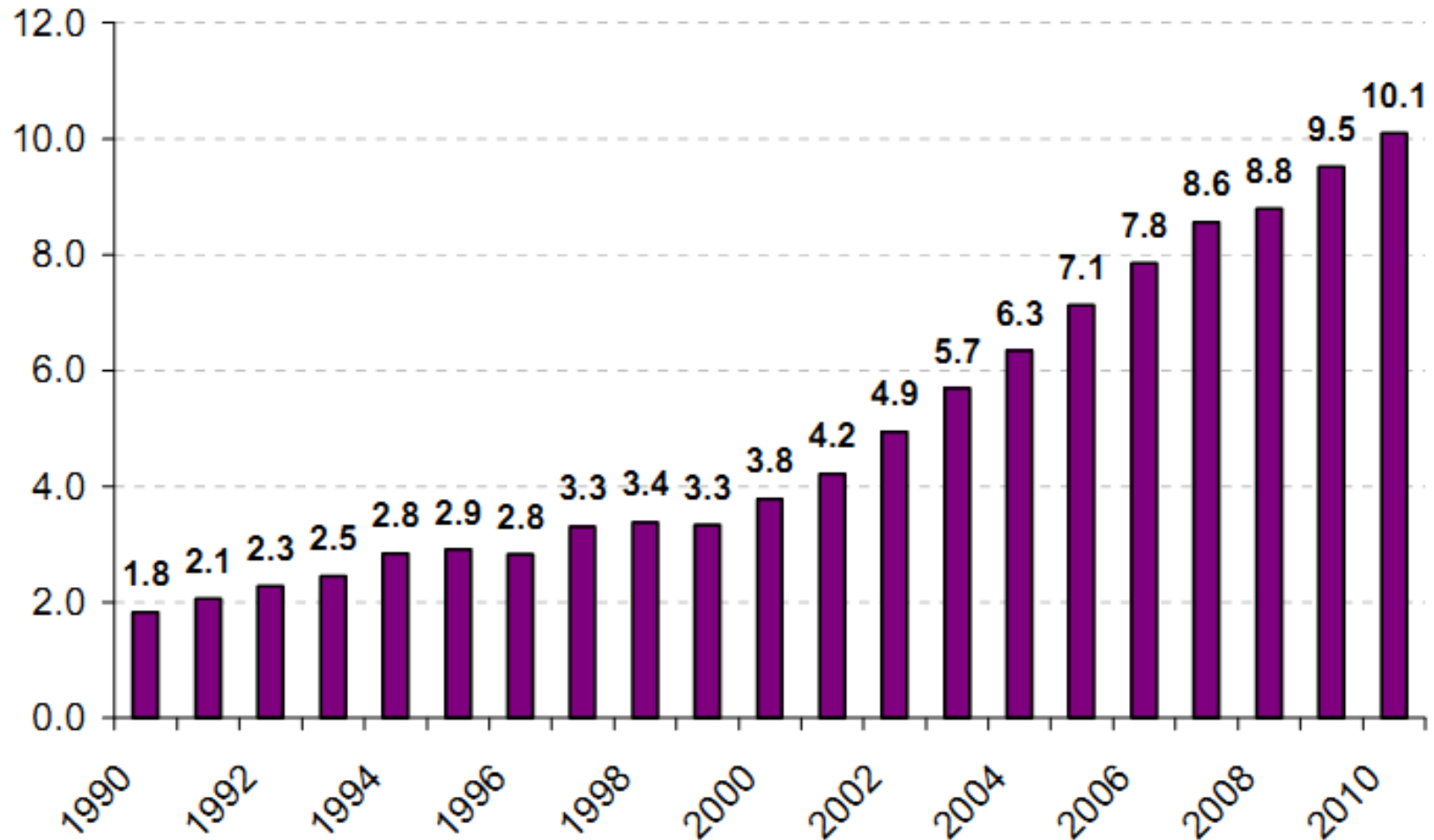


Contexto Geopolítico Regional da China, 2008

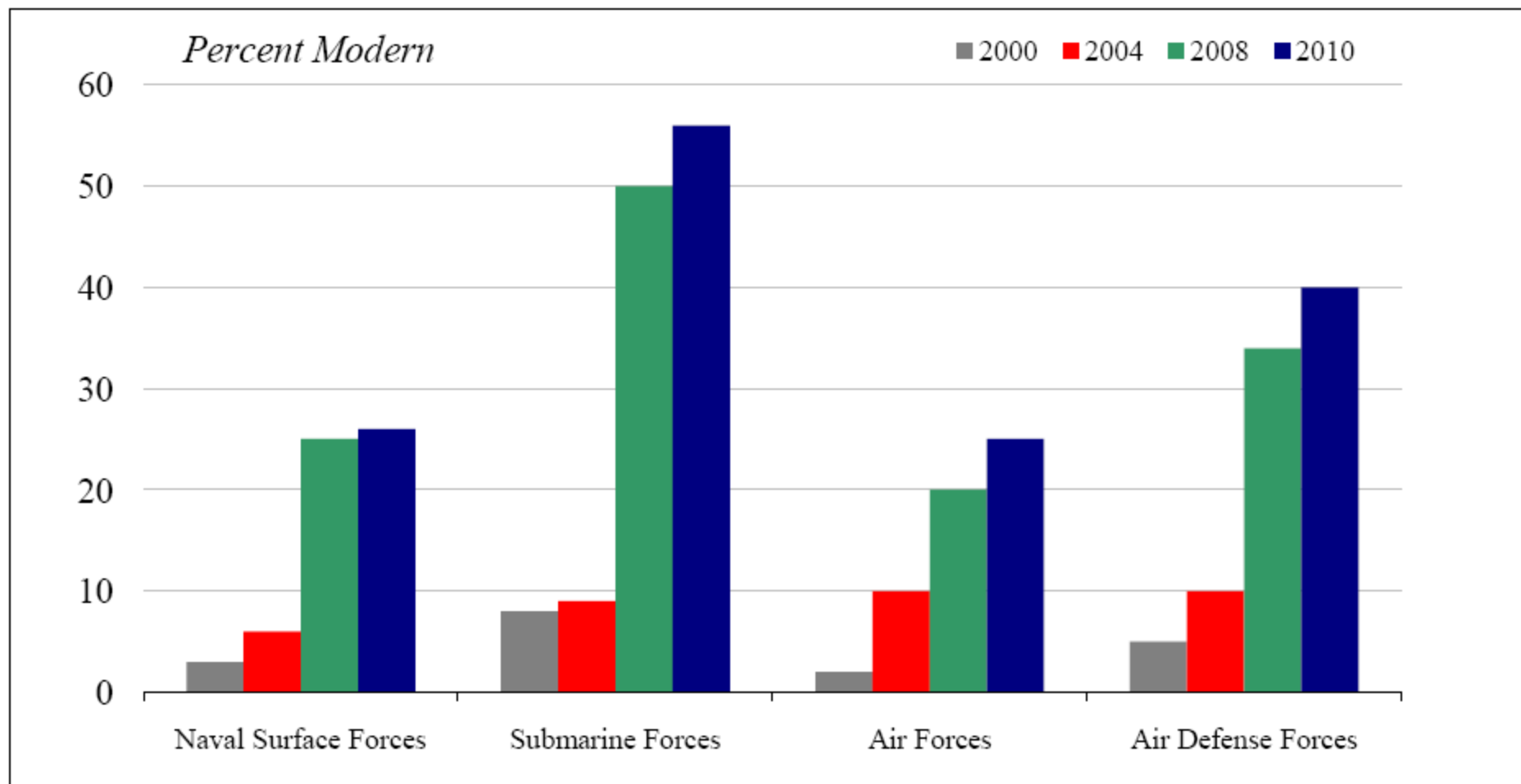
- Pays alliés des États-Unis
- Organisation de coopération de Shanghai (Chine, Kazakhstan, Kirghizstan, Ouzbékistan, Russie et Tadjikistan)
- Territoires occupés par la Chine et revendiqués par l'Inde
- Territoires revendiqués par la Chine
- Zone maritime contestée entre la Chine et les États adjacents à la mer de Chine méridionale
- Populations réfugiées en Chine
- Limite des revendications maritimes de Pékin en mer de Chine méridionale
- Principales bases ou facilités militaires des États-Unis
- Conflits actifs aux frontières de la Chine
- Opérations militaires de l'armée des États-Unis

China's Global Share of Merchandise Exports: 1990-2010

(\$ billions)



Source: Economist Intelligence Unit.



PLA Modernization Areas, 2000 – 2010. This graphic compares the expansion of modern operational systems within the PLA in 2000, 2004, 2008, and 2010.

China's Major Trading Partners: 2010 (\$ billions)

(\$ billions)

Country	Total Trade	Chinese Exports	Chinese Imports	China's Trade Balance
European Union	497.7	311.2	168.5	142.7
United States	385.3	283.3	102.0	181.3
Japan	297.8	121.1	176.7	-55.6
ASEAN	292.8	138.2	154.6	-16.4
Hong Kong	230.6	218.3	12.3	206.0
South Korea	206.8	68.8	138.0	-69.2
Taiwan	106.2	29.6	115.6	-86.0
Total Chinese Trade	2,973.7	1,577.9	1,394.8	183.1

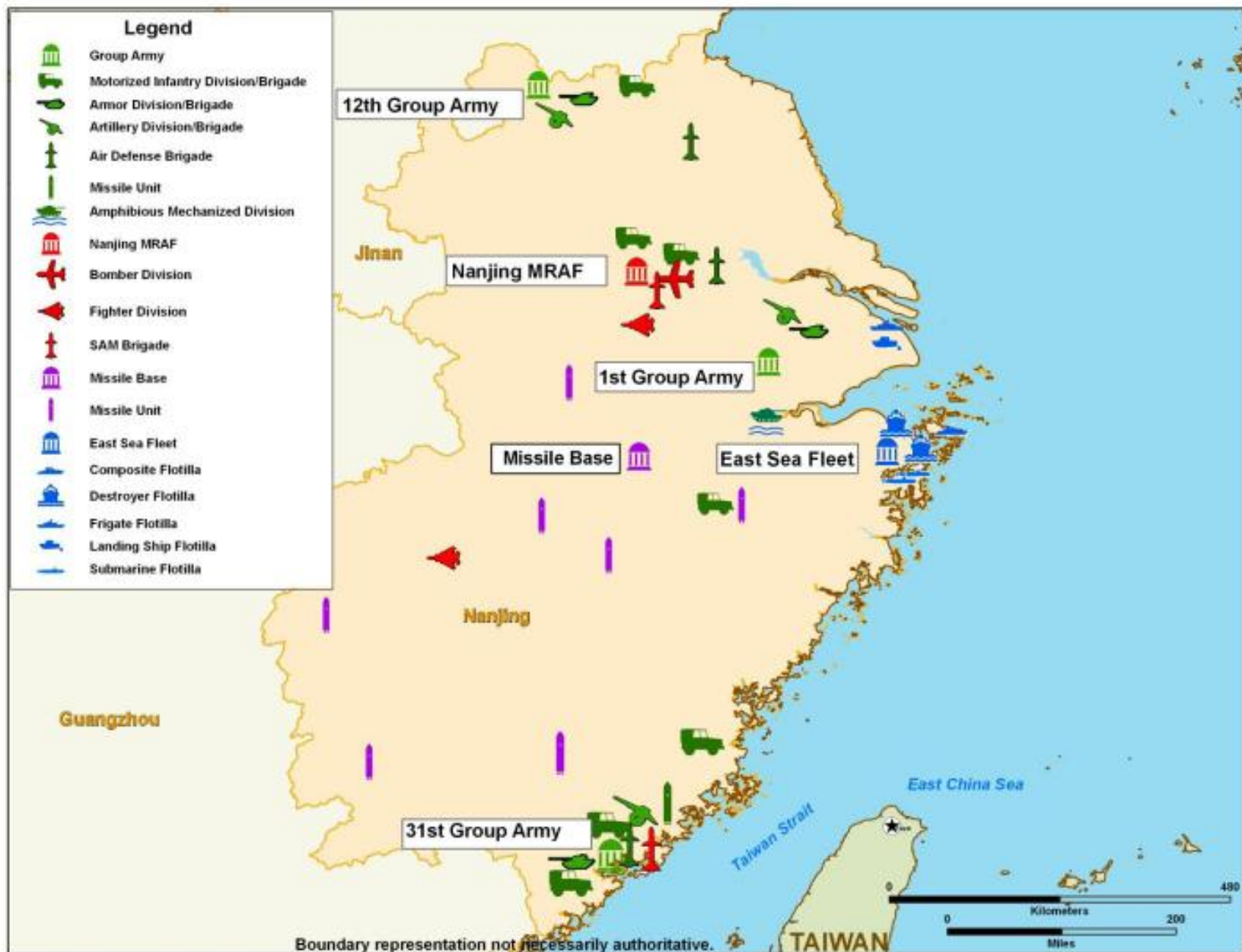
Source: Global Trade Atlas and World Trade Atlas using official Chinese data.

Note: Rankings according to total trade in 2010.

Major Air Units - China







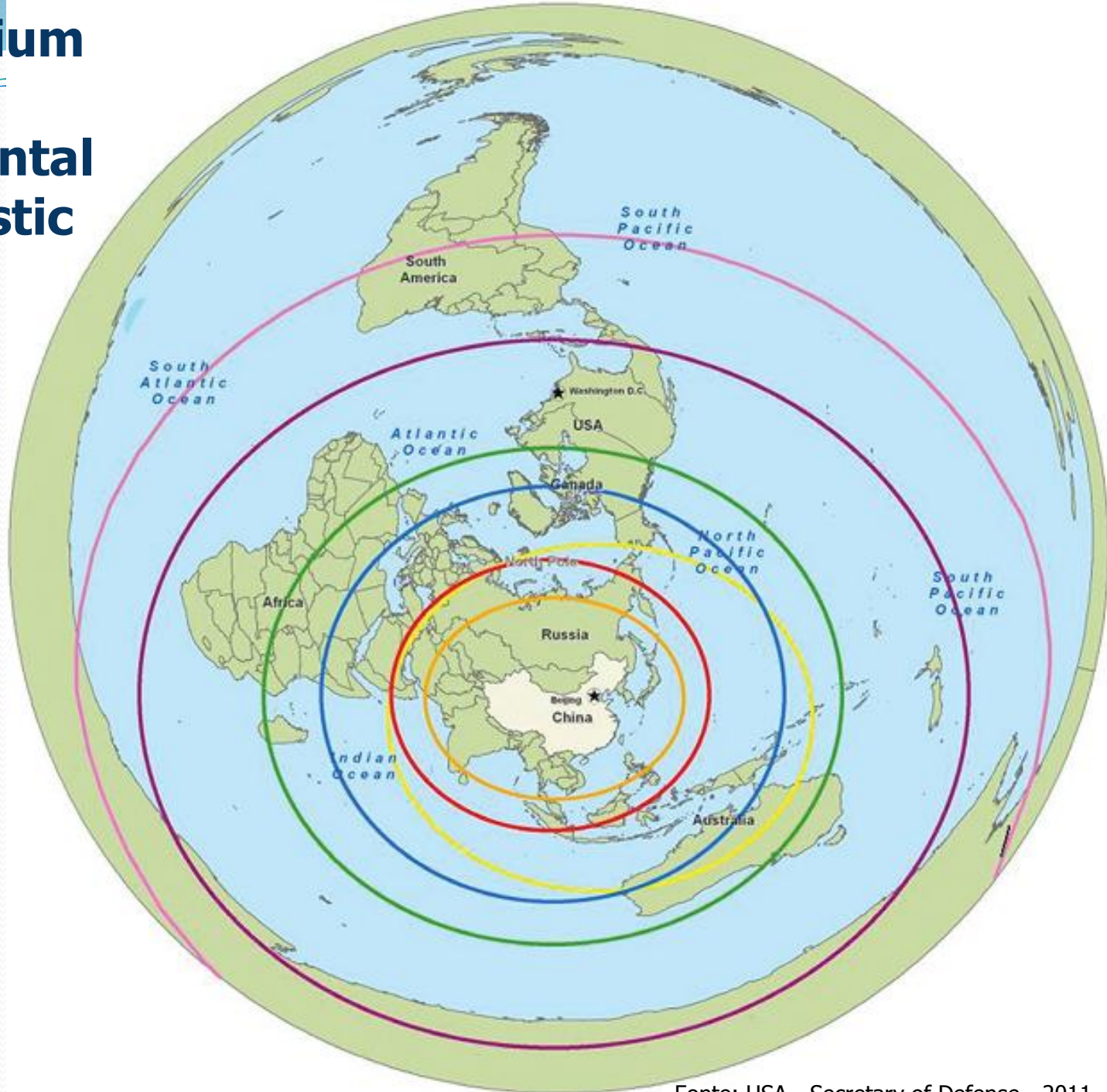
Disposition of PLA Forces in Nanjing Military Region.

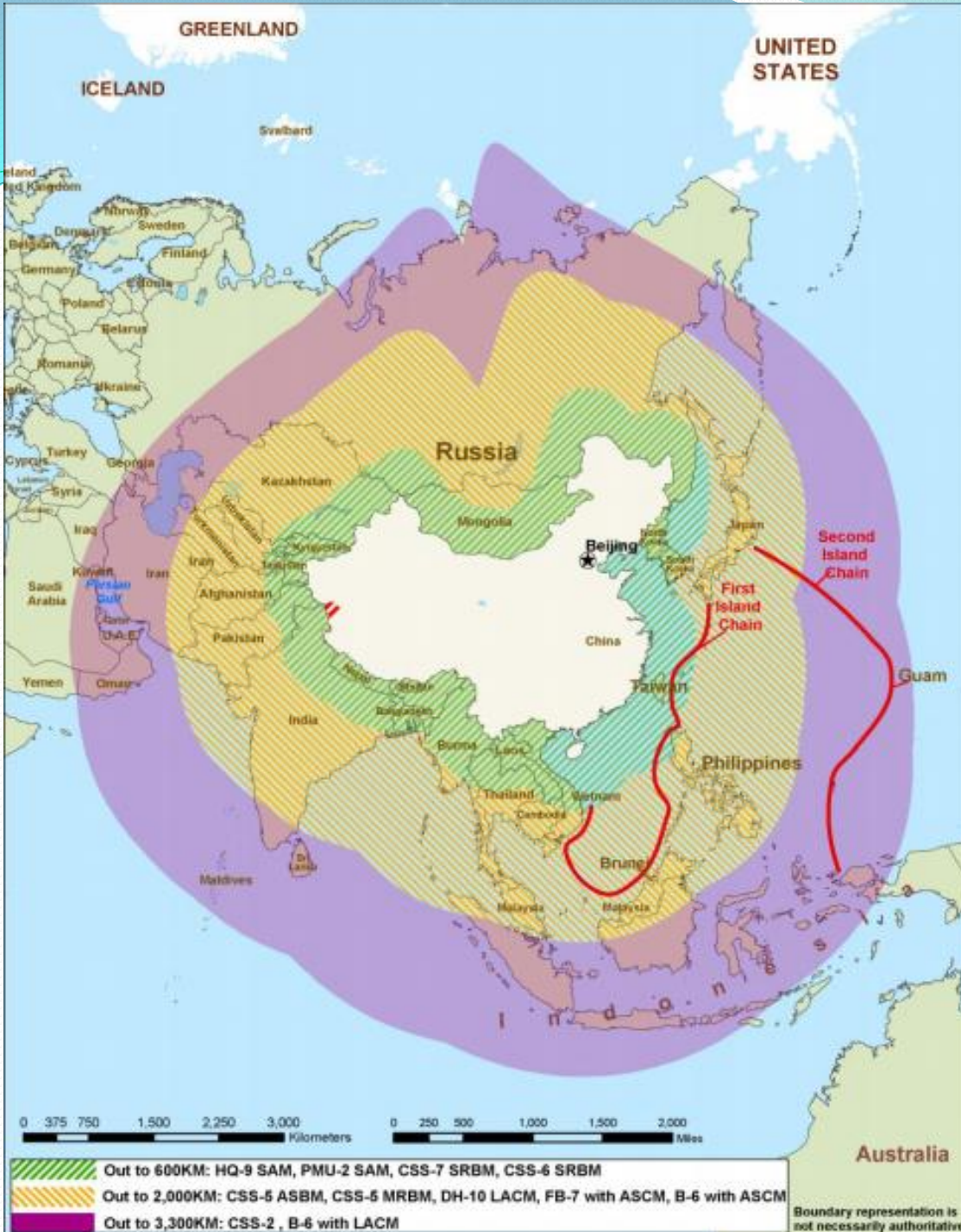
China's import transit routes/critical chokepoints and proposed/under construction SLOC bypass routes



China - Medium and Intercontinental Range Ballistic Missiles

China is capable of targeting its nuclear forces throughout the region and most of the world, including the continental United States. Newer systems, such as the DF-31, DF-31A, and JL-2, will give China a more survivable nuclear force.

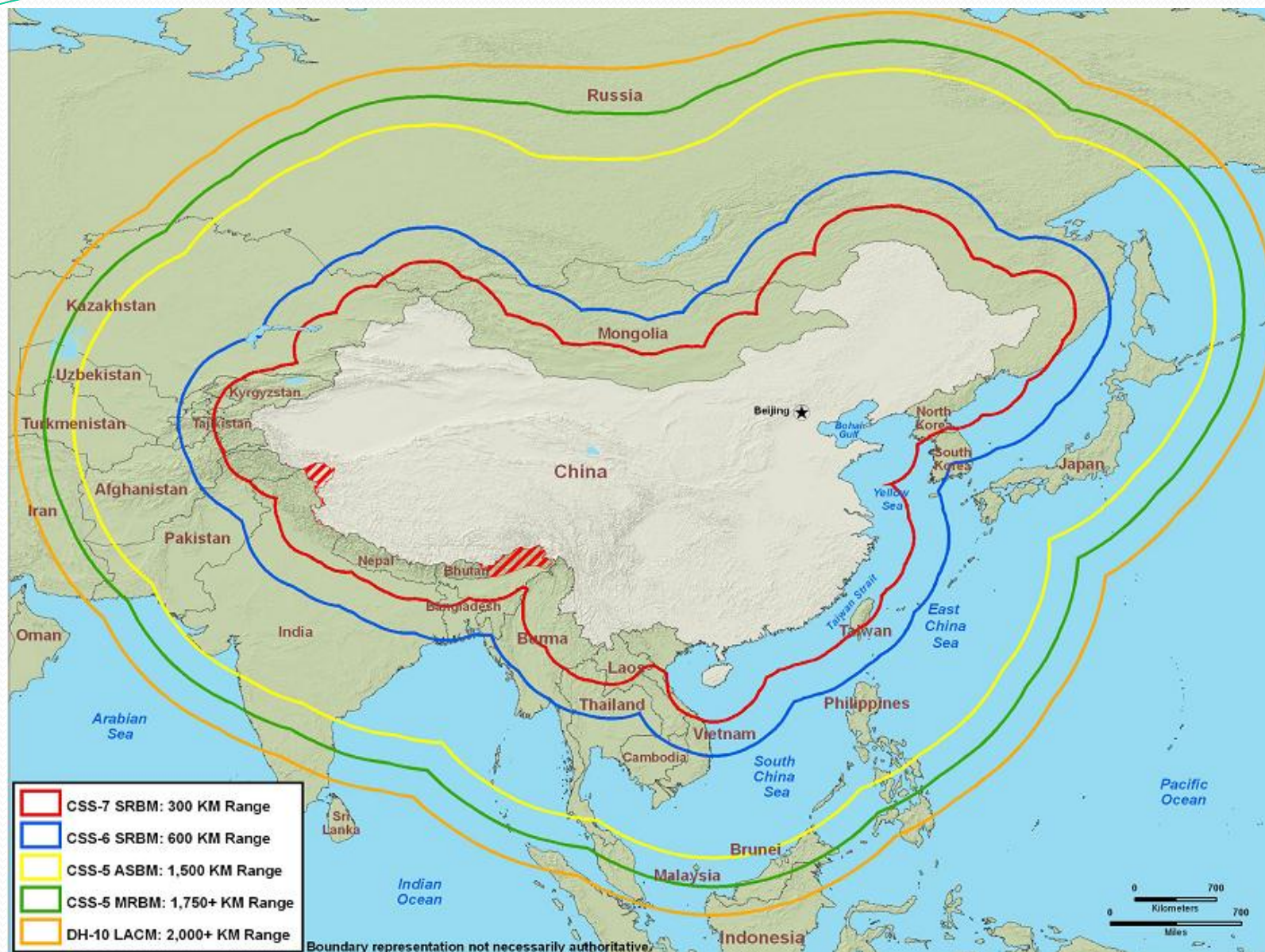




Conventional Anti-Access Capabilities.

The PLA's conventional forces are currently capable of striking targets well beyond China's immediate periphery. Not included are ranges for naval surface- and sub-surface-based weapons, whose employment at distances from China would be determined by doctrine and the scenario in which they are employed.

China: regional conventional missiles



RUSSIAN
FEDERATION



HOW AMERICA WANTS TO CHECK CHINA'S EXPANSION



CHINA/INDIA: COOPERATION AND COMPETITION



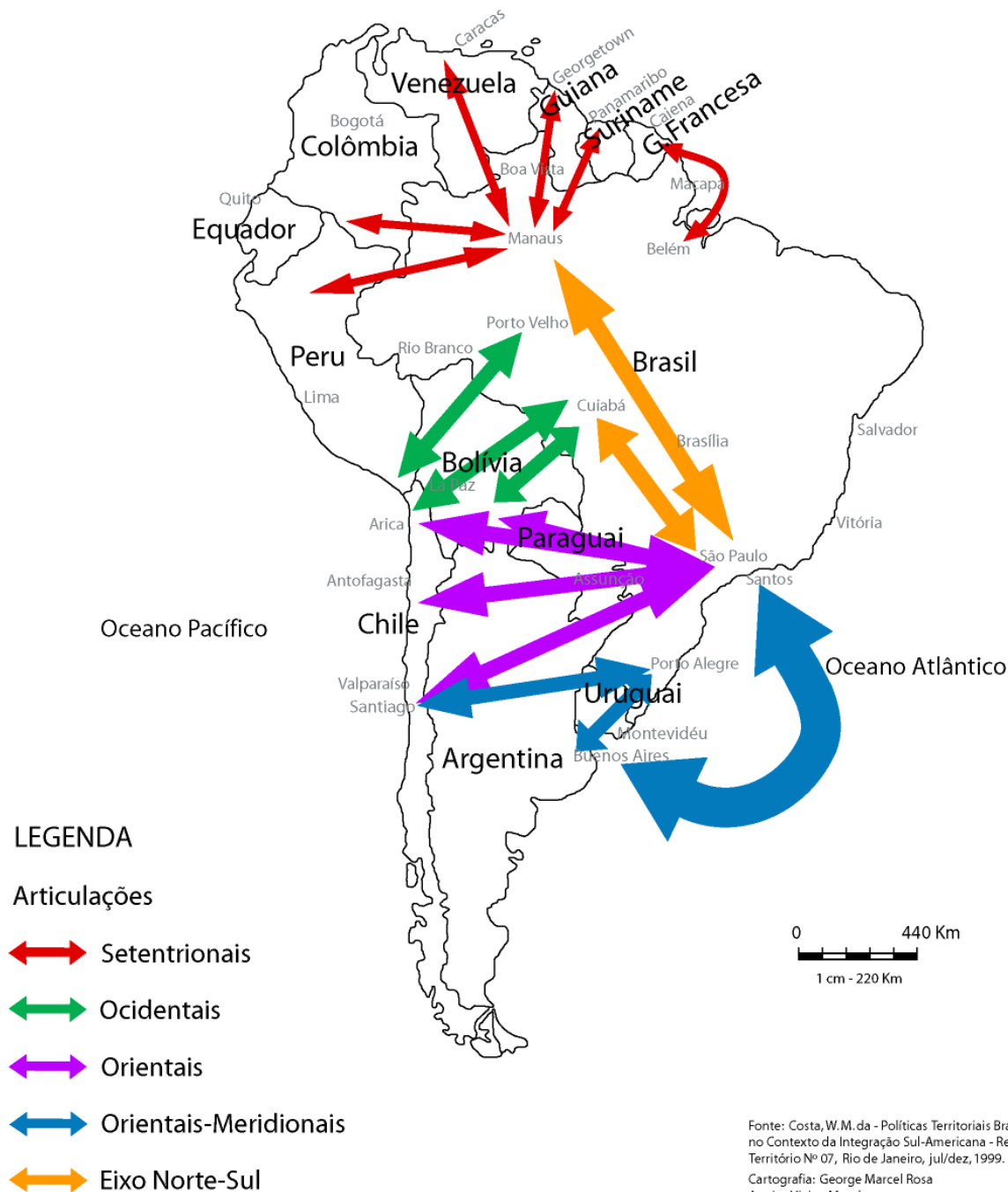
THE NEW BIG GAME



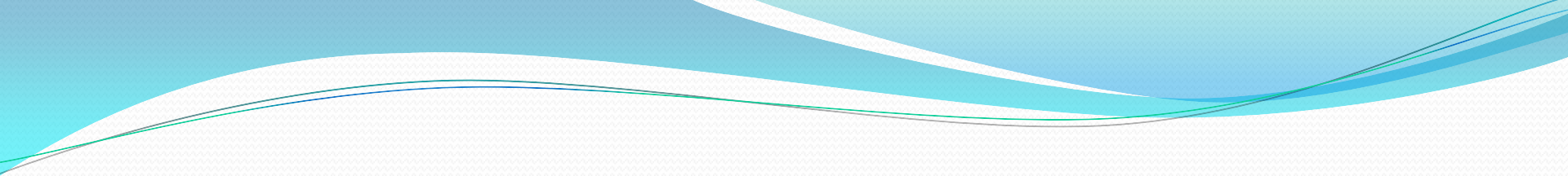
África do Sul – potência emergente

- O seu PIB (US\$ 280 bi) é duas vezes maior que o da Argélia, Egito e Nigéria (os maiores do continente). Também é o mais avançado nas comunicações: possui 9/10 dos internautas do continente. Principais atividades econômicas: mineração, indústria em geral e indústria nuclear e bélica;
- Relações intensas de vizinhança (Zimbábwe, Lesotho, Moçambique e Comores). Exerce também forte influência na África Central (Sudão, Eritreia e Etiópia) e na Ocidental (Costa do Marfim, Libéria e Serra Leoa). Lidera o principal bloco regional africano: **SACU – Southern African Customs Unions**;
- O seu principal parceiro comercial e econômico atual é a China;

Brasil: potência regional com projeção global



Fonte: Costa, W.M. da - Políticas Territoriais Brasileiras no Contexto da Integração Sul-Americana - Revista Território Nº 07, Rio de Janeiro, jul/dez, 1999.
Cartografia: George Marcel Rosa
Apoio: Vivian Merola



EUA: SUPERPOTÊNCIA MILITAR EM DECLÍNIO?

World Map of the Unified Command Plan - USA



EUA – Bases Militares

Exército, Marinha, Força Aérea e Marines

- Total de bases e apoios logísticos: **5.579**
- 4.742 em todos os estados do país
- 121 em 7 territórios
- 716 em 38 países: a maior parte na Alemanha (235), no Japão (123) e na Coreia do Sul (87). Na Alemanha possui 75 mil soldados e no Japão 63 mil.

EUA: Bases Militares (cont.)

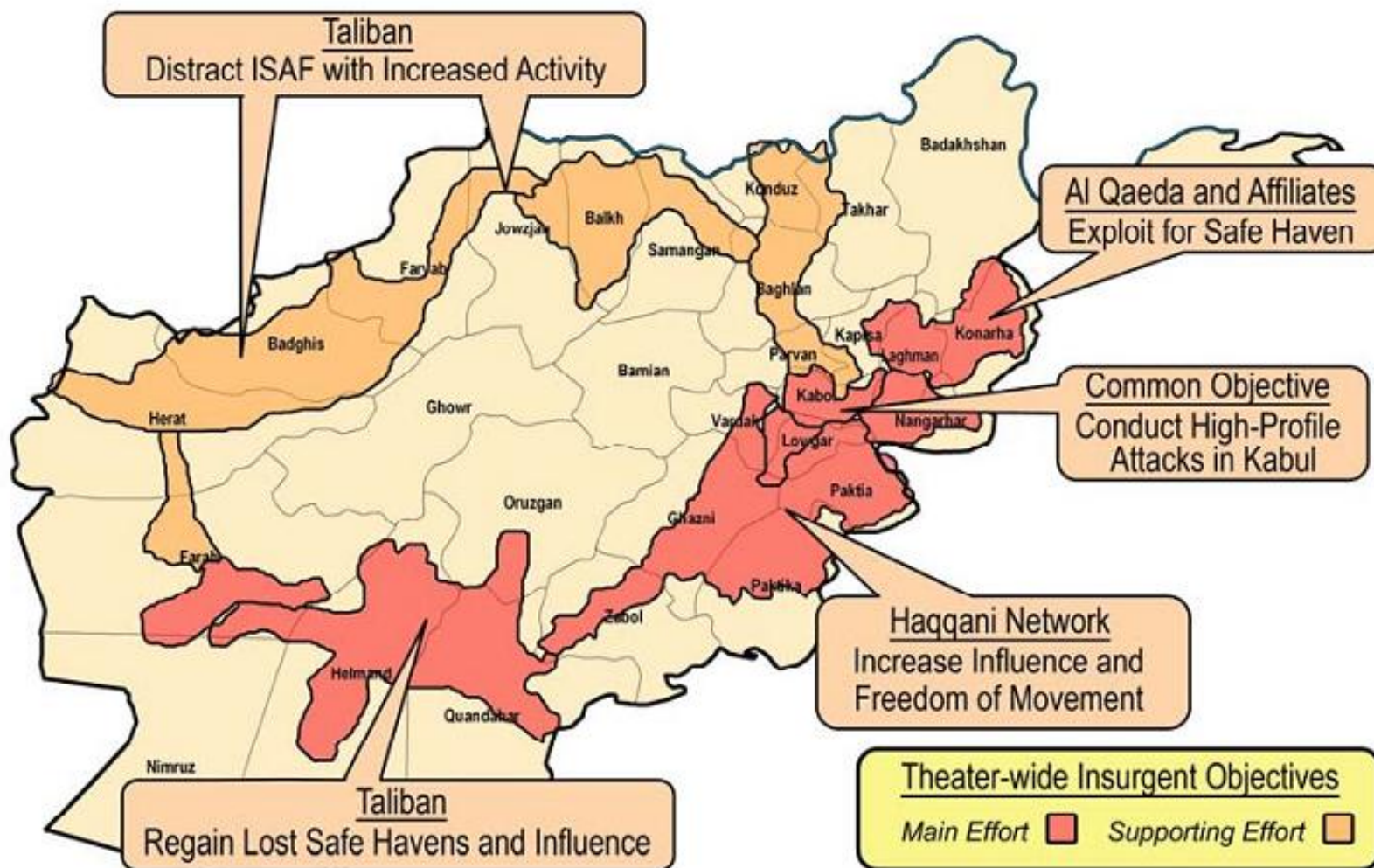
- No **Golfo Pérsico**, além do Iraque, os EUA têm bases permanentes nos Emirados Árabes Unidos, Omã, Qatar, Kuwait, Iêmen e Bahrein (sede da V Esquadra). As mais importantes estão na Arábia Saudita, dotadas de aviões F-15 e F-16, caças-bombardeiros F-117 e aviões de espionagem U-2 e AWACS;
- Na **África**, a presença militar norte-americana está concentrada na região do “Chifre Africano”: Djibuti, Eritreia e Etiópia;
- No **Oceano Índico**, na ilha britânica de Diego Garcia, localiza-se uma das mais importantes bases militares do mundo (EUA/Reino Unido), onde estão estacionadas as “fortalezas voadoras” B-52;
- No **Cáucaso**, elas estão na Geórgia e no Azerbaijão. Na Ásia Central, no Afeganistão, Uzbequistão, Tajiquistão, Quirguízia e Cazaquistão;
- Na **Europa**, Alemanha, Reino Unido, Itália e Espanha. Além dessas, há as da Islândia (Keflavik), Bélgica, Dinamarca (Thule), Portugal (Açores), Hungria (Taszar), Turquia (Adana) e Grécia;
- Na **Ásia do Pacífico**, Japão (Okinawa, Kadena, Misawa, Atsugi, Yokota e outras) com efetivo de 63 mil homens. Na Coreia do Sul (Kunsan City e Osan), com um total de 37 mil homens e Filipinas. Possui ainda bases em seus territórios do Pacífico, casos de Guam, Wake e Samoa;
- No **Caribe**, as principais bases estão em Barbados, Curaçao, Guantánamo e Antilhas Holandesas. Na **América Central**, em El Salvador e Honduras. Na **América do Sul**, na Colômbia e no Peru.

OBAMA'S BIG GAME



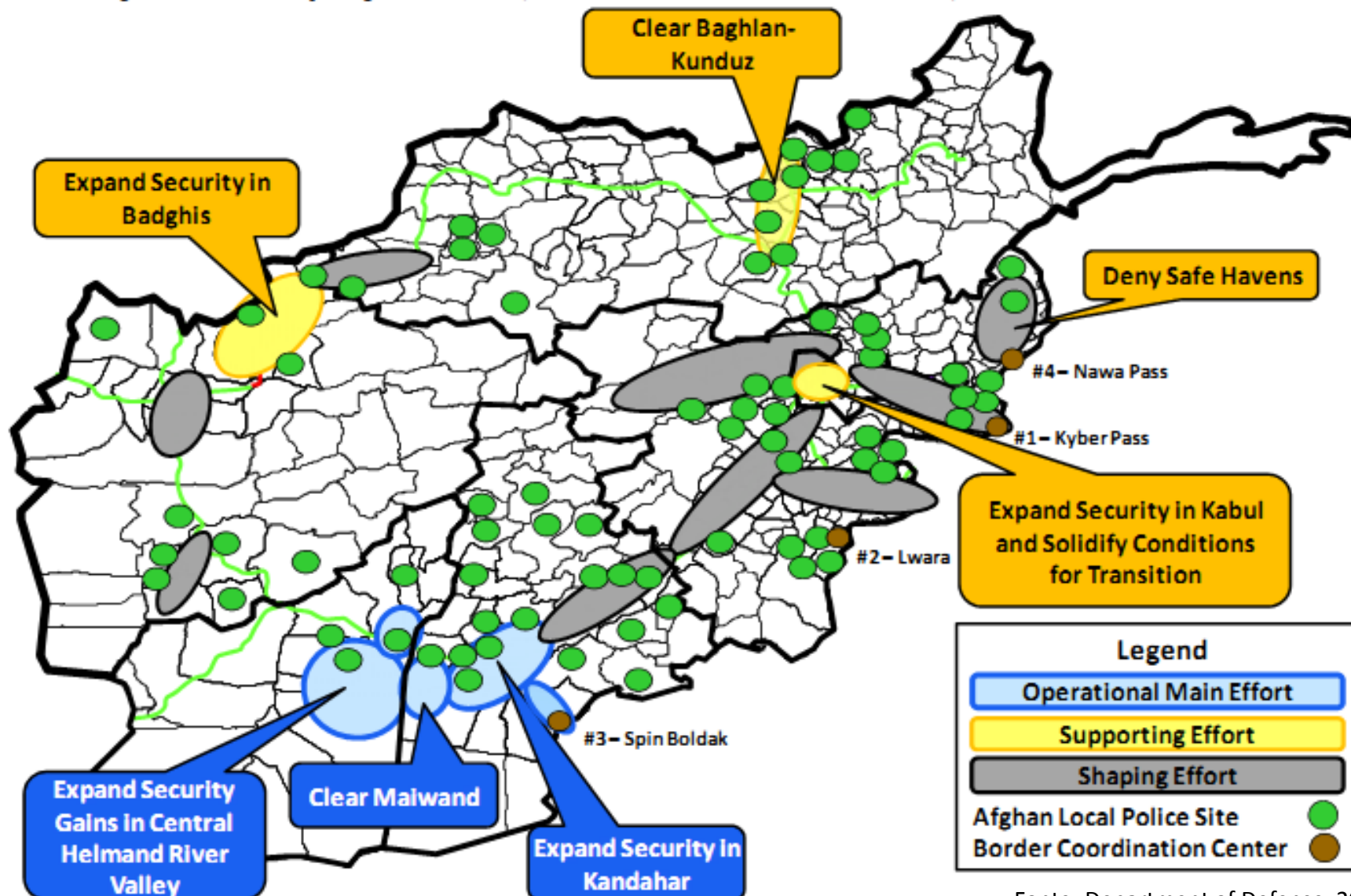
Afeganistão: os EUA na Ásia Central

Insurgent Objectives for 2011



Concept of Military Operations

(October 2010 – March 2011)

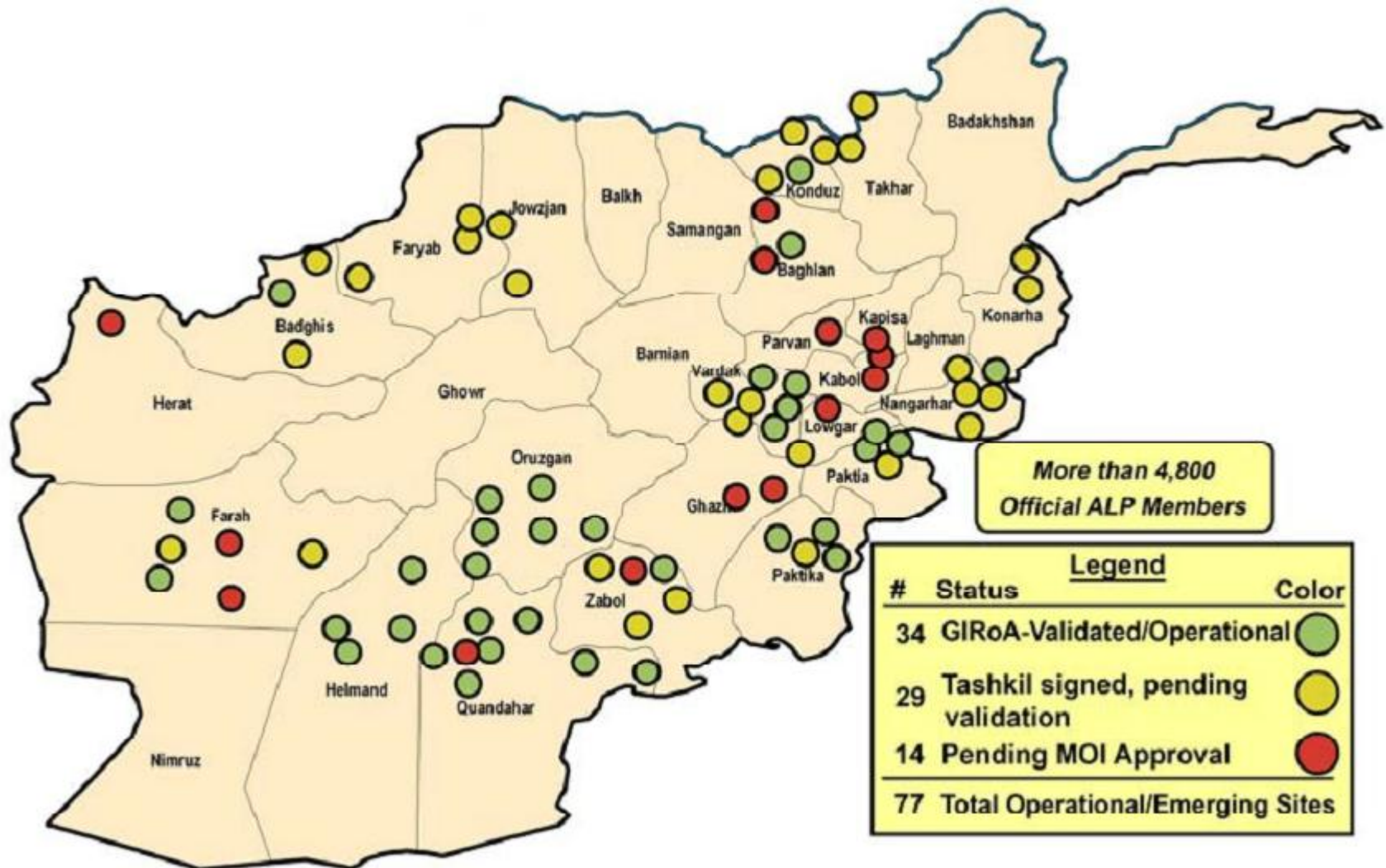


Map of Regional Command Area of Operations

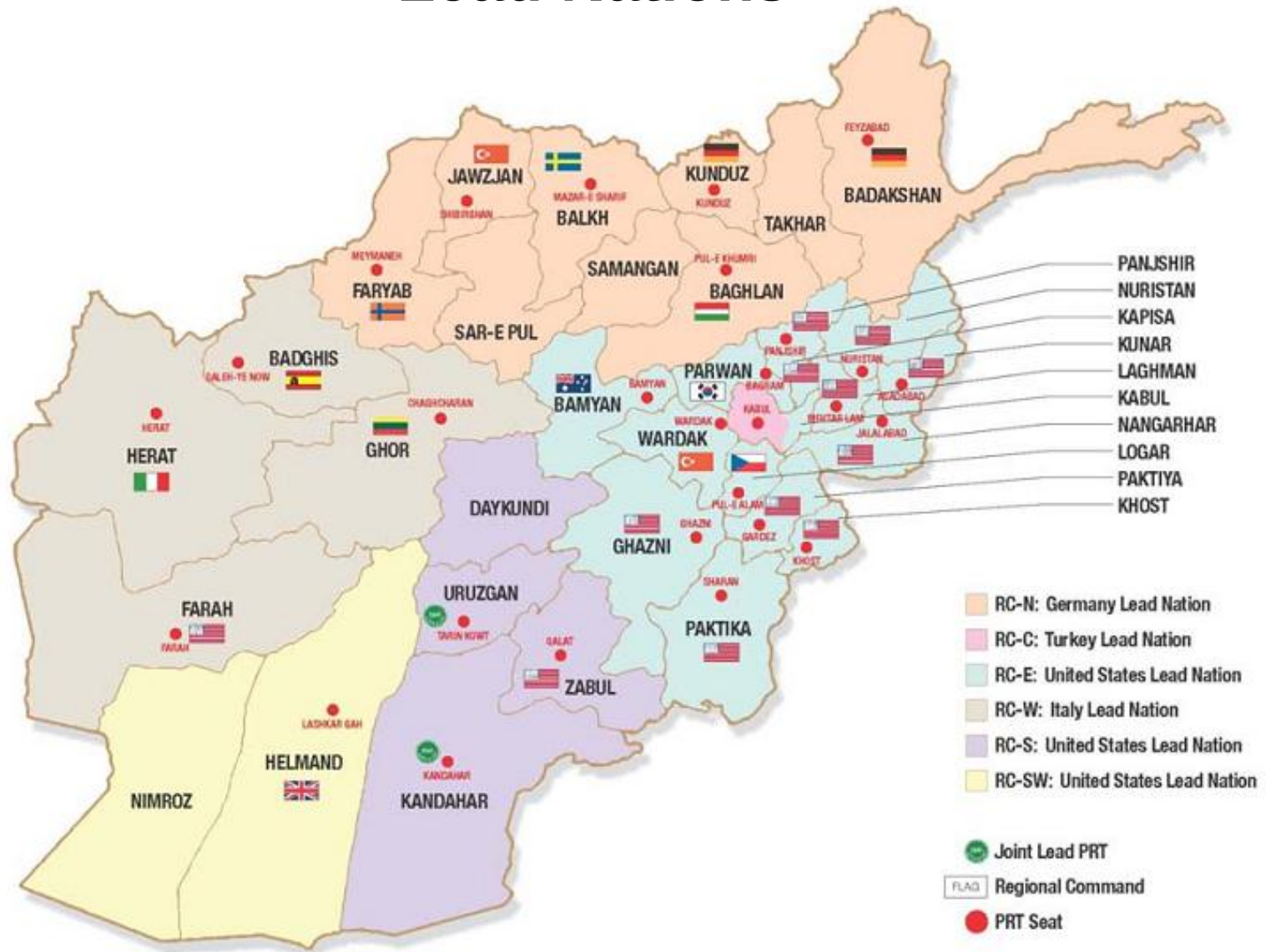


Afghan Local Police Sites

(as of March 31, 2011)

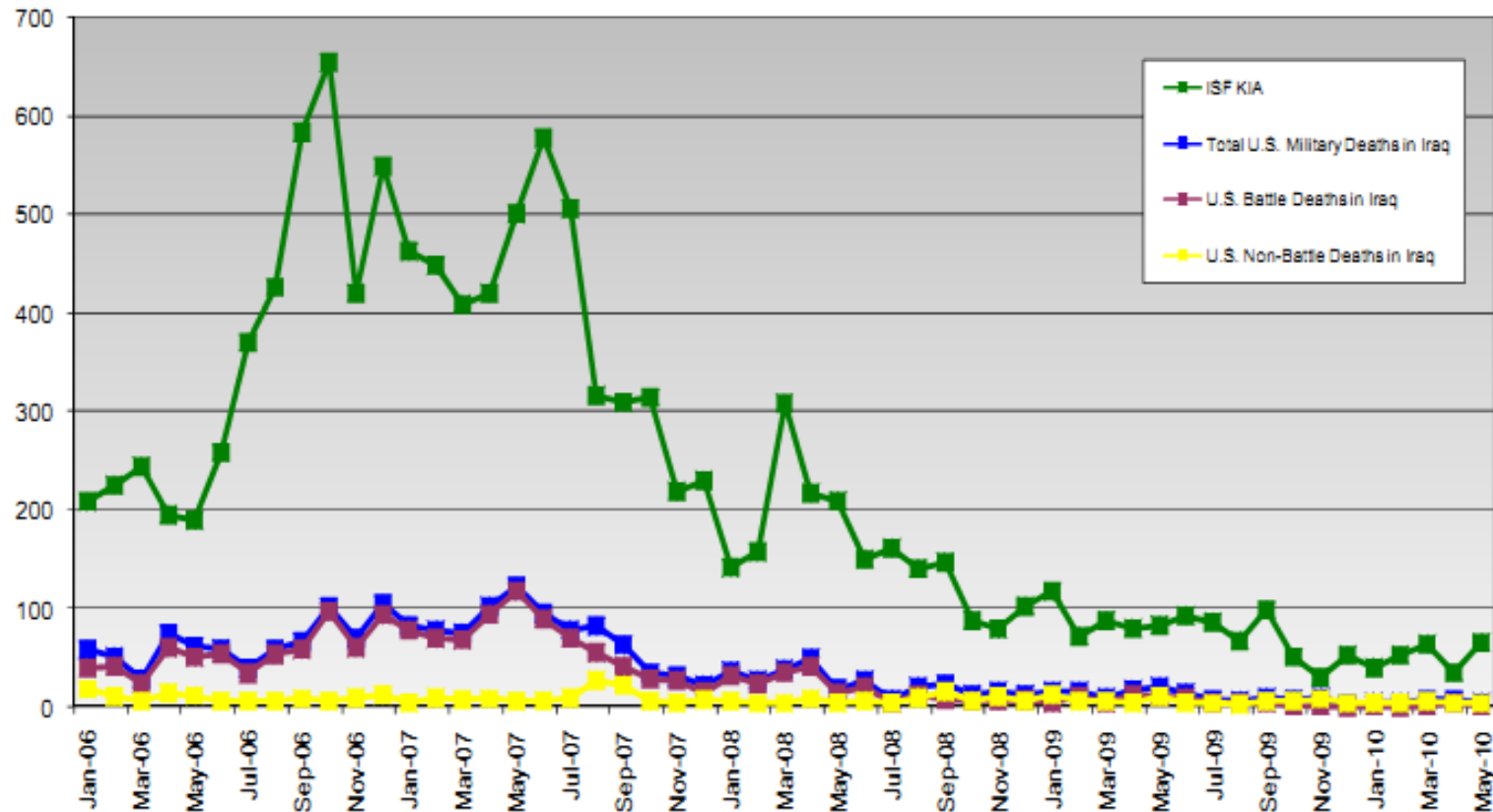


Provincial Reconstruction Teams and Lead Nations



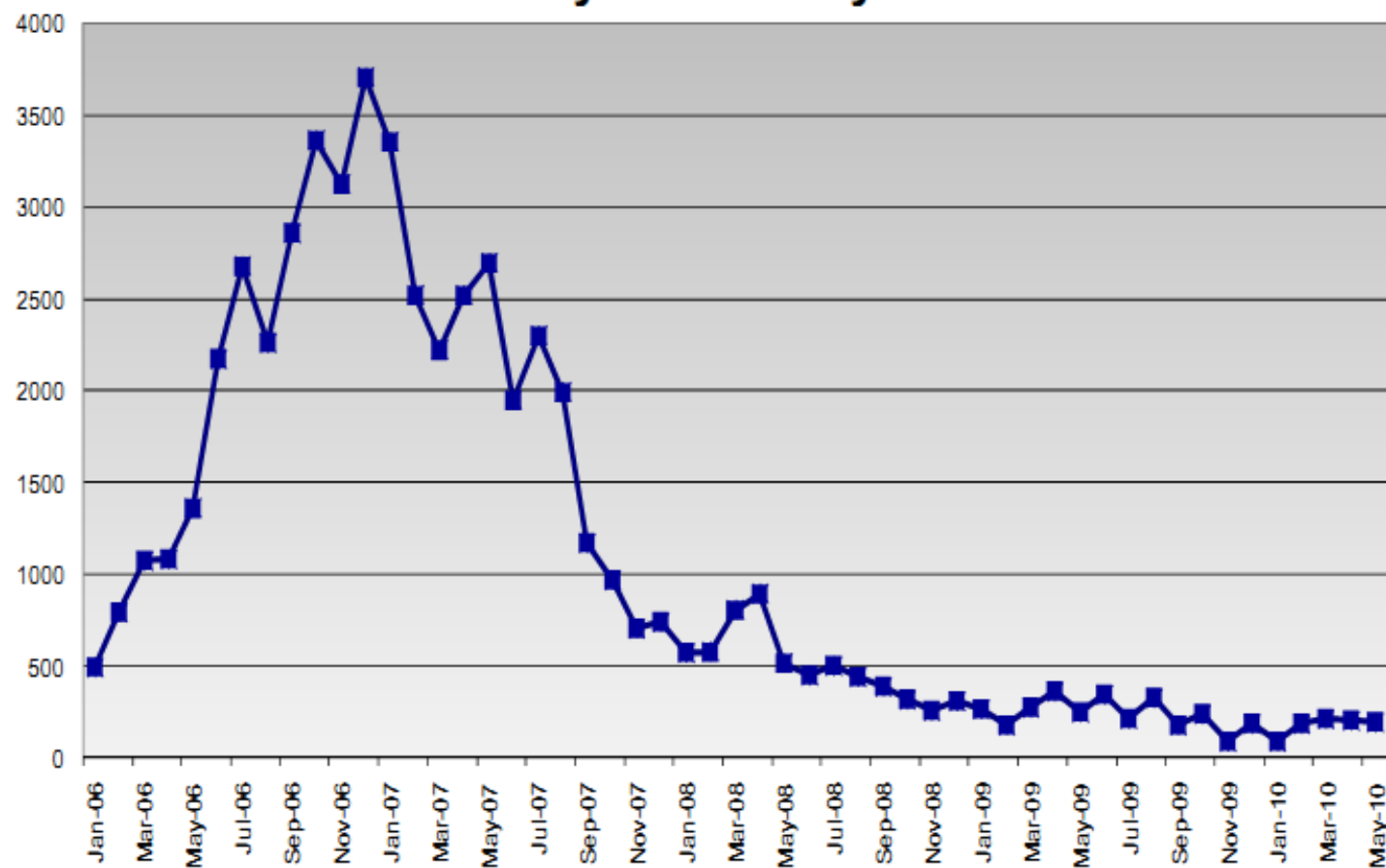
Iraque

ISF and U.S. Military Deaths in Iraq January 2006 – May 2010



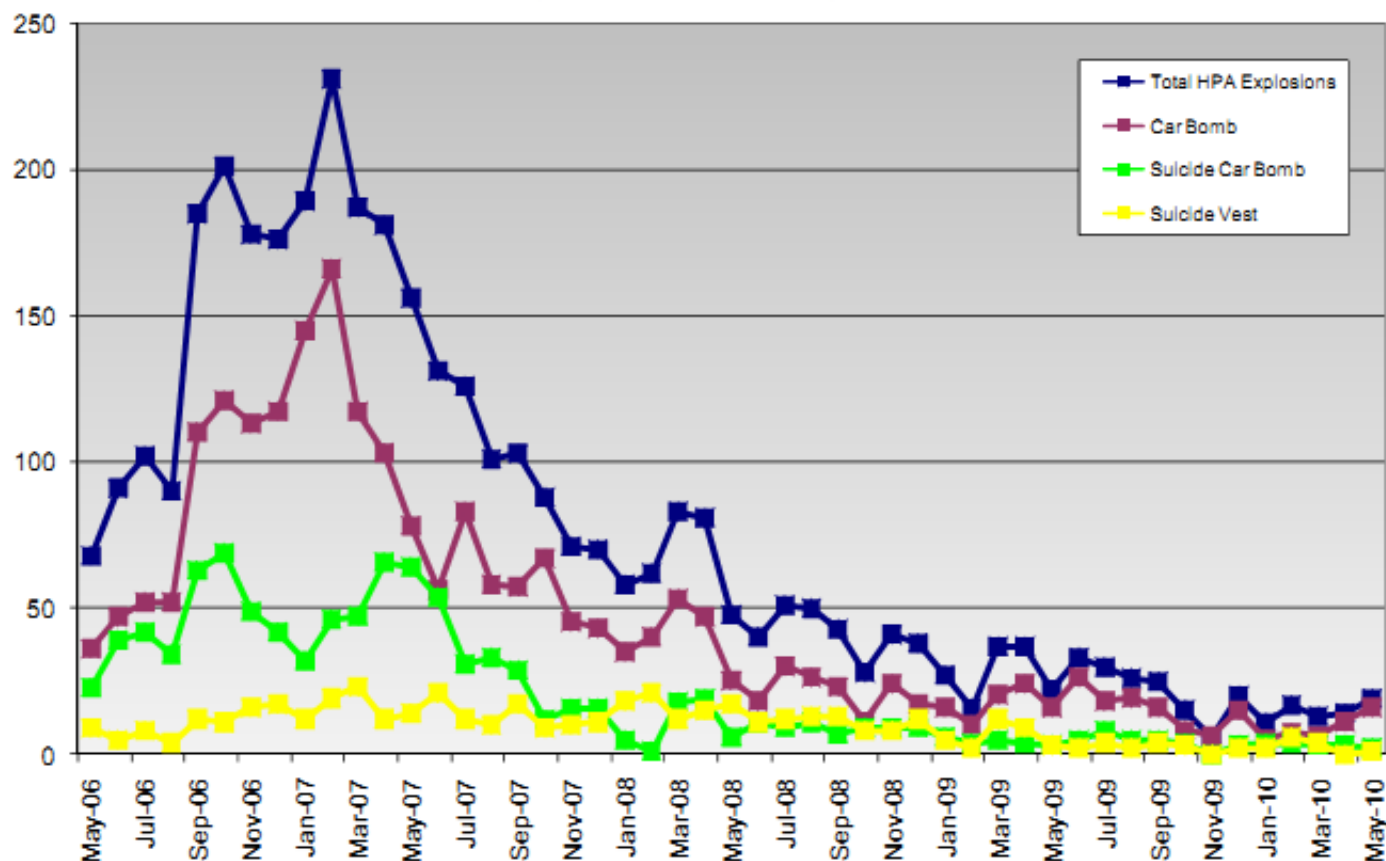
Source: USF-I J5 Assessments SIGACTS III Database (U.S. and Iraqi Reports), DoD News Releases, and CIDNE as of June 5, 2010. Includes deaths within Iraq only. U.S. deaths under investigation are classified as battle deaths. As a result of the June 30, 2009 withdrawal from cities, USF-I now relies on host nation reporting as the primary data source. Current charts show a combination of U.S. and host nation reported data. The combination of these reports causes baseline numbers to increase, making it difficult to directly compare these charts with those presented prior to June 2009.

Civilian Deaths January 2006 – May 2010



Source: USF-J5 Assessments SIGACTS III Database (U.S. and Iraqi Reports) as of June 5, 2010. Does not include civilian deaths due to accidents unrelated to friendly or enemy actions.

High Profile Attacks (Explosions) May 2006 – May 2010



Source: USF-I J5 Assessments. SIGACTS III Database (U.S. and Iraqi Reports) as of June 5, 2010. Does not include found and cleared. As a result of the June 30, 2009 withdrawal from cities, USF-I now relies on host nation reporting as the primary data source. Current charts now show a combination of U.S. and host nation reported data. The combination of these reports causes baseline numbers to increase, making it difficult to directly compare these charts with those presented prior to June 2009.

Local Area is Calm

(April 2010 Data)



National Average > 70%



Move Freely

(April 2010 Data)



National Average > 30%

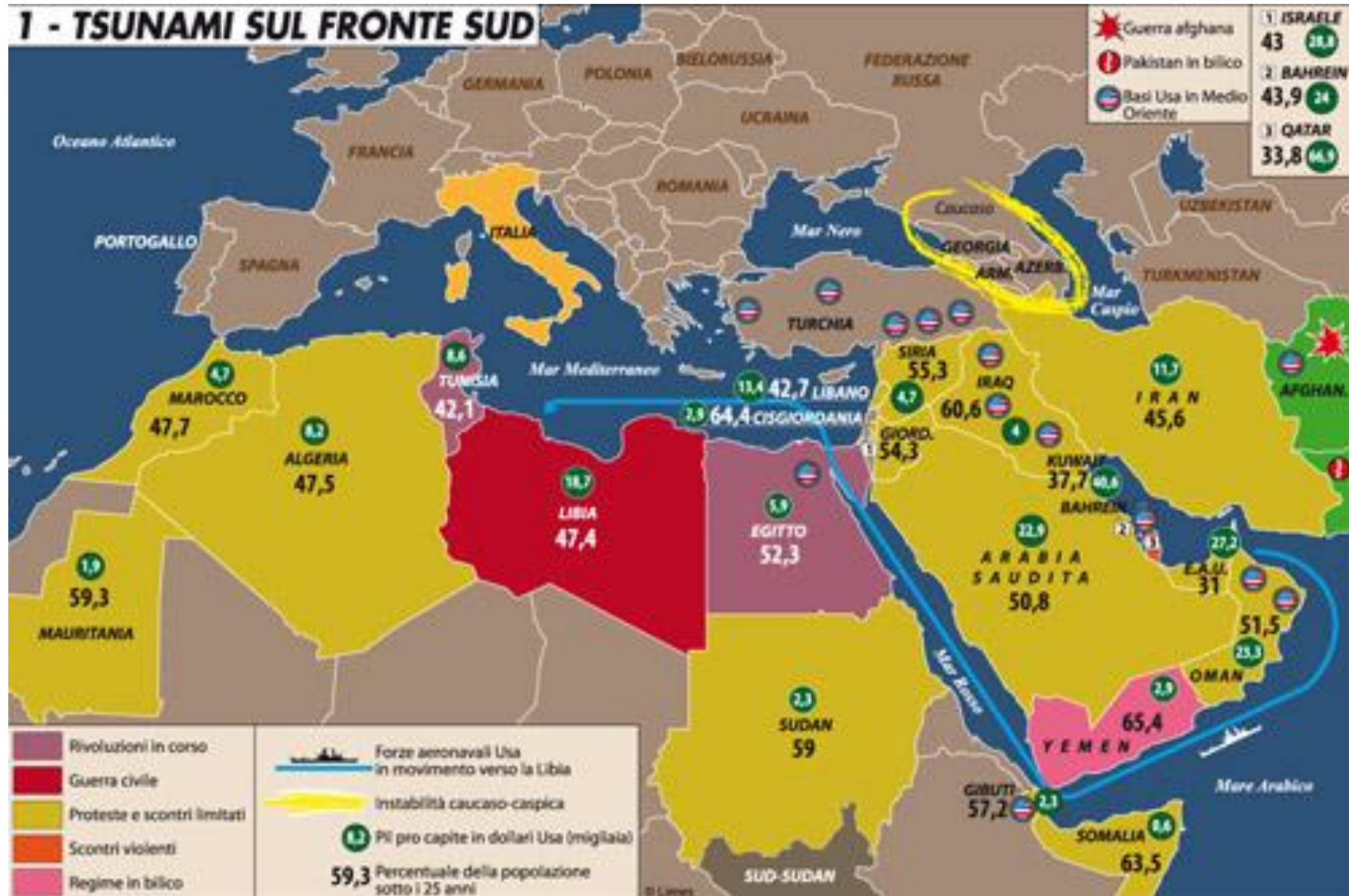


Primavera Árabe



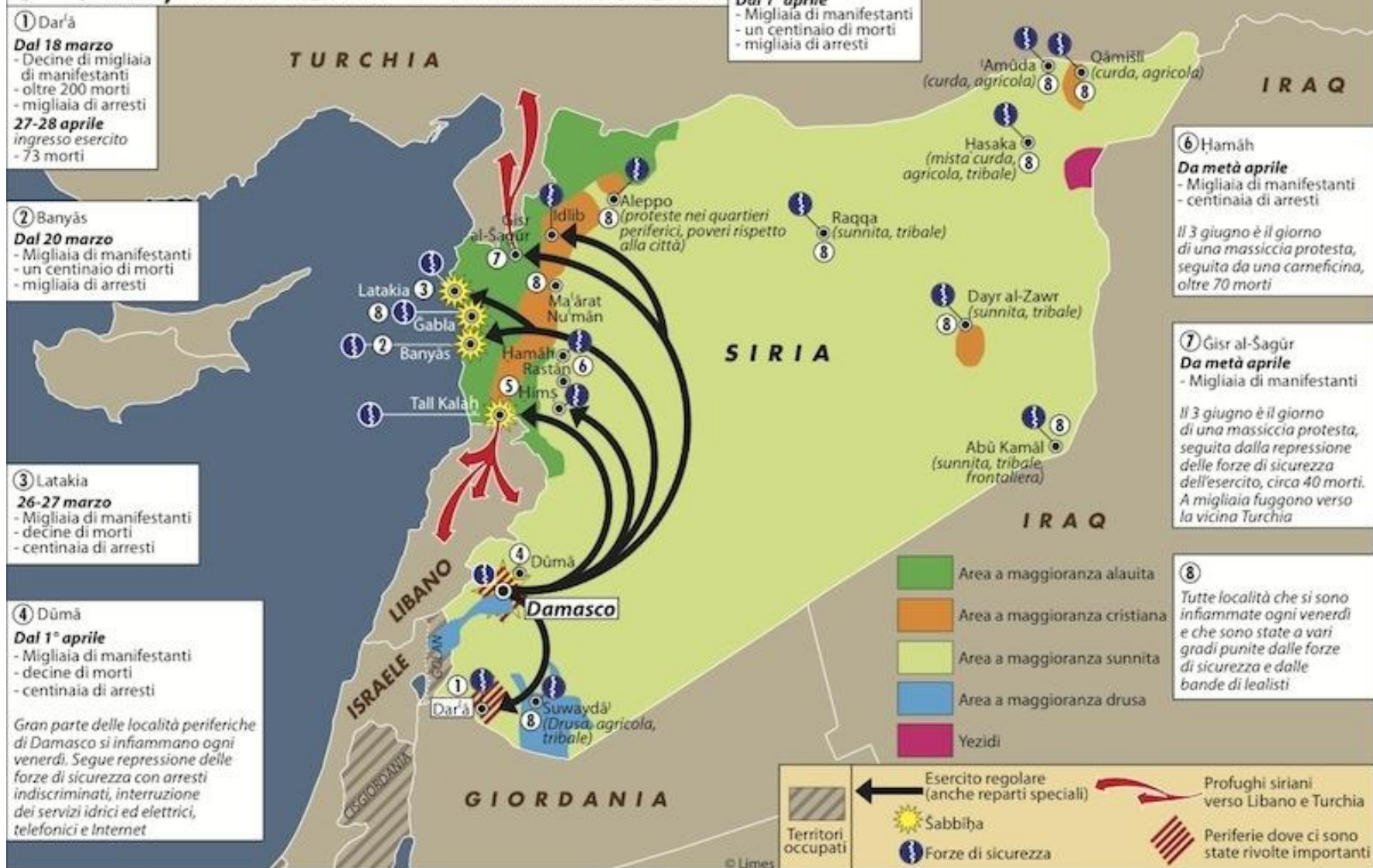
As primeiras manifestações foram na Tunísia. A revolta contagiou diversos países vizinhos (Libia, em um segundo momento) e mais distantes (Egito, em sequência).

1 - TSUNAMI SUL FRONTE SUD



Situação no Oriente Médio no início de março: principais bases americanas, percentual da população acima de 25 anos por país e PIB per capita. Em evidência ainda a rota das forças aeronavais dos EUA na Líbia, a instabilidade da região do Cáucaso e Mar Cáspio, a guerra afegã.

3 - SIRIA, LA RIVOLTA E LA REPRESSIONE



Registro, cidade por cidade, dos protestos na Síria.

As cores representam diferentes áreas de grupos religiosos: área verde maioria Allawi, em laranja uma maioria cristã, amarelo maioria sunita, em azul maioria drusa, em rosa a comunidade de Yezidi.

Conflitos na América do Sul

